

Médiuns são somente os que sentem a influência dos Espíritos?



Paulo Neto

Médiuns são somente os que sentem a influência dos Espíritos?

(Versão 22)

"A mediunidade é um dom inerente a todos os seres humanos, como a faculdade de respirar, e cada criatura assimila as forças superiores ou inferiores com as quais sintoniza." (ÁULUS) ⁽¹⁾

"A mediunidade é uma faculdade natural da espécie humana, como todas as demais faculdades. Toda criatura humana é naturalmente dotada de mediunidade." (HERCULANO PIRES) ⁽²⁾

Paulo Neto

Copyright 2021 by
Paulo da Silva Neto Sobrinho (Paulo Neto)
Belo Horizonte, MG.

Capa:

[https://1.bp.blogspot.com/-tqFFIHirUVk/
WDN4LU_IWxI/AAAAAAAAApE/
CUz28ioR4ZocK5dnlla3nHITrlj4SoiMQCLcB/s320/
energia%2B6.jpg](https://1.bp.blogspot.com/-tqFFIHirUVk/WDN4LU_IWxI/AAAAAAAAApE/CUz28ioR4ZocK5dnlla3nHITrlj4SoiMQCLcB/s320/energia%2B6.jpg)

Revisão:

Hugo Alvarenga Novaes
Artur Felipe Ferreira
Rosana Netto Nunes Barroso

Diagramação:

Paulo Neto
site: <https://paulosnetos.net>
e-mail: paulosnetos@gmail.com

Belo Horizonte, dezembro/2021.

Sumário

Prefácio.....	4
Introdução.....	8
Pesquisa nas obras da Codificação.....	16
Allan Kardec não foi médium?.....	60
Todos nós somos médiuns?.....	68
O ver Espíritos em sonhos é uma espécie de mediunidade.....	86
A comunicação telepática entre os vivos e entre estes e “os mortos”.....	102
O que entender de “sem ser médium” ou “os que não têm mediunidade”?.....	116
Mediunidade e a tal da predisposição orgânica.....	126
As explicações de Herculano Pires sobre o tema.....	140
Conclusão.....	148
Referências bibliográficas.....	149
Dados biográficos do autor.....	154

Prefácio

O autor Paulo da Silva Neto Sobrinho certamente é um daqueles modernos semeadores do evangelho. Empenha-se continuamente em esforços de pesquisa para apresentar ao mundo temas relacionados ao Espiritismo Cristão, e o faz de forma fidelizada ao raciocínio lógico e ao bom senso da Escola de Kardec, e por isso consegue extrair com leveza, e notável jovialidade, as mais diversas questões que invariavelmente se encaixam no gosto e interesse dos leitores.

A linguagem moderada, objetiva, ilustrada, incisiva, destemida e esclarecedora dessa obra possuem a aptidão de pacificar o leitor, ao passo que estimula a leitura de página a página, capítulo a capítulo, possuindo ainda o dom de alimentar nossa expectativa no sentido de que muitas coisas boas ainda estarão depositadas ali, nas próximas páginas, acessíveis para nossa livre apreciação.

Os temas inerentes à mediunidade que aqui foram abordados se apresentam com a precisão que se faz necessária, e sempre de acordo com a proposta da obra.

Médiuns são somente os que sentem a influência dos Espíritos?

Paulo Neto responde! E responde bem a essa indagação! Sua metodologia de pesquisa e escrita, bem como as obras que utilizou como referência, e ainda as conclusões seguras que traz a lume certamente vão agradar muito ao leitor.

Depois que Jesus e Allan Kardec produziram as obras da Codificação Espírita – Consolador Prometido, e em especial *O Livro dos Médiuns*, a comunidade terrena passou a contar com uma fonte filosófica e doutrinária absolutamente segura para bem administrar suas experiências e aprendizados no campo da mediunidade.

Com efeito, antes do Consolador Prometido, foram precisos muitos séculos, diríamos até milênios, de experimentação e aprendizado em contextos primários, teóricos e práticos, mergulhados num tipo

de mediunismo empírico, com maior afinidade com a magia, misticismo, ocultismo e poder. Tudo era muito confuso, incompleto. Precisávamos agora dessas novas luzes e direção!

Agora os tempos são outros! Ainda não faz nem duzentos anos que a Codificação Espirita surgiu no Mundo, mas muitos já se deram conta da qualidade e importância, por exemplo, de *O Livro dos Médiuns*, e as pessoas mais curiosas e dedicadas estão se debruçando sobre essas luzes deixadas por Jesus e Kardec para a humanidade. E esses mais perseverantes, por efeito de seus esforços, já estão colhendo os frutos agradáveis e nutritivos dessa árvore!

Paulo Neto tem sido um trabalhador incansável, um pesquisador, um estudioso, que a cada livro físico ou virtual que produz, sai para o Mundo a semear as sementes do Evangelho por todo tipo de terra, por todos os corações.

Mas a fecundação psíquica do espírito humano demanda um certo tempo para gerar os primeiros resultados, para fazer florir e frutificar as

sementeiras! O autor Paulo Neto sabe disso! Ele está preparado para essa tarefa! E por isso ele não pára de escrever nunca, livro após livro, página após página, sendo reconhecidamente aquele semeador que todo dia sai a semear um pouco e, ao que tudo indica, gosta muito do que faz, sente-se feliz, amparado pela espiritualidade, e aproveitará a presente reencarnação para ainda lançar muitas sementes na terra dos corações!

Aproveitem essa obra literária e bebam nas fontes fecundas onde a água da vida oferecida por Jesus nos sacia a sede definitivamente!

Avante meus amigos! Ave Cristo!

Marcelo Badaró Duarte

Belo Horizonte, 23 de janeiro de 2022.

Introdução

“Onde estiver o homem, está a mediunidade, porque a mediunidade é uma faculdade humana.”
(HERCULANO PIRES)

Inicialmente, se faz necessário buscar o entendimento do termo “faculdade”, porquanto ele será empregado inúmeras vezes no decorrer da presente pesquisa tanto isoladamente quanto nas expressões “faculdade humana” e “faculdade é inerente ao homem”.

Assim, vamos trazer o estudioso Hermínio Corrêa de Miranda (1920-2013) que, em ***Diversidade dos Carismas: Teoria e Prática da Mediunidade - vol. 1***, utiliza esse termo na seguinte explicação:

A mediunidade é a expressão da sensibilidade do médium, seu instrumento de trabalho, e, como **faculdade humana**,

guarda características pessoais, como o modo de caminhar, o tom da voz, a impressão digital, o feitio e ordenação da letra, o temperamento de cada um. Precisa ser disciplinada sem ser deformada, respeitando-se o contexto da personalidade humana no qual ela ocorre. É desastroso tentar impor condições inaceitáveis às suas manifestações. (3)

O grifo em negrito é nosso, padrão que adotaremos. Quando ocorrer de não ser, nós avisaremos. Isso vale tanto para o texto normal quanto para as transcrições.

Temos aí um exemplo de sua utilização. É preciso definir o que seja o termo “faculdade”, em seu sentido filosófico.

a) **Michaelis:**

“FILOS Cada um dos poderes da alma, representados pela inteligência, vontade e sensibilidade.” (4)

b) **Dicionário de Filosofia:**

Faculdade (*faculté*). Uma potência inata ou *a priori*: por exemplo, a potência de sentir (a sensibilidade), de pensar (a

inteligência, o entendimento), de desejar, de querer, de imaginar, de se lembrar... [...]. (5)

Assim, as expressões mencionadas, por força da lógica emanada desses conceitos, devem ser entendidas de forma abrangente, como algo comum à espécie humana, sem nenhuma exceção.

Adentrando ao tema, consultaremos, agora, o “Vocabulário Espírita” de *Instruções Práticas sobre as Manifestações Espíritas* (1858), obra que posteriormente foi substituída por *O Livro dos Médiuns* (1861), para ver o conceito que Allan Kardec (1804-1869) deu aos termos médium e mediunidade:

Médium (do lat. *médium*, meio, intermediário) - **pessoa acessível à influência dos Espíritos** e mais ou menos dotado da faculdade de receber e transmitir suas comunicações. Para os Espíritos, o médium é um intermediário; é um agente ou um instrumento mais ou menos cômodo, segundo a natureza ou o grau da faculdade mediúnica. **Esta faculdade depende de uma disposição orgânica especial**, susceptível de desenvolvimento. **Distinguem-se diversas variedades de médiuns** segundo sua aptidão particular

para tal ou tal modo de transmissão, ou tal ou tal gênero de comunicação. ⁽⁶⁾ (itálico e negrito do vocábulo são do original)

Por curiosidade, vejamos também o significado do termo médium, no **Vocabulário** de *O Livro dos Médiuns*:

MÉDIUM (Do latim *medium*, meio intermediário) - **Pessoa que pode servir de intermediária entre os Espíritos e os homens.** ⁽⁷⁾

A definição está mais resumida e já não se fala na questão orgânica.

Voltando ao livro **Instruções Práticas Sobre as Manifestações Espíritas**, vejamos o outro termo:

Mediunidade [do lat. *médium*, meio, intermediário, *-(i)dade*] - 1. **Faculdade que a quase totalidade das pessoas possuem, umas mais outras menos, de sentir a influência ou ensinarem a comunicação dos Espíritos.** Raros são os que não possuem rudimentos de mediunidade. 2. Em alguns, **essa**

faculdade é ostensiva e necessita ser disciplinada, educada; **em outros, permanece latente**, podendo manifestar-se episódica e eventualmente (v. *Medianimidade*). ⁽⁸⁾ (itálico e negrito do vocábulo são do original)

A mediunidade, portanto, seria a faculdade que permite uma pessoa, designada de médium, sentir a influência dos Espíritos ou ensejar a comunicação com eles. Na definição de Allan Kardec, essa faculdade depende de uma “**disposição orgânica especial**”, suscetível de desenvolvimento.

Na definição de mediunidade, deve-se também ressaltar o emprego das palavras “**ostensiva**” e “**latente**”, que indicam, respectivamente, uma faculdade manifesta de forma evidente e outra cuja permanece latente. Mais à frente veremos como essa distinção se relaciona com os sentidos amplo e restrito da mediunidade.

Se médium é a pessoa **acessível à influência dos Espíritos** e a mediunidade é definida como a faculdade de **sentir a influência dos Espíritos**, percebe-se que existe uma estreita relação entre

esses conceitos. O termo “sentir”, entretanto, não deve ser tomado necessariamente como percepção consciente, pois a própria Codificação admite influências que se exercem à nossa revelia.

Dessa forma, não faria sentido estabelecer uma separação absoluta entre a influência dos Espíritos e a mediunidade, pois, nesse contexto, estar “acessível” à influência dos Espíritos e “sentir” essa influência são conceitos estreitamente relacionados.

1ª) **O Que é o Espiritismo**, capítulo “II – Noções elementares de Espiritismo”, item 58:

O médium escreve sob a influência dos Espíritos, que se servem dele como de um instrumento; sua mão é acionada por um movimento involuntário que, na maior parte das vezes, ele não consegue dominar. [...]. ⁽⁹⁾

2ª) **O Livro dos Médiuns**:

a) Capítulo “XIV – Os médiuns”, tópico “Médiuns Curadores”, item 176:

6. Nesse caso, há também ação magnética ou apenas influência dos Espíritos?

“Ambas as coisas. Essas pessoas **são verdadeiros médiuns**, pois atuam **sob a influência dos Espíritos**, o que não quer dizer que sejam médiuns curadores, conforme o entendes. ⁽¹⁰⁾

b) Capítulo “XVI – Médiuns especiais”, tópico “Quadro sinótico das diferentes espécies de médiuns”:

b.1) Item 190. “Médiuns especiais para efeitos intelectuais. Aptidões diversas”:

Médiuns falantes – Os que falam **sob a influência dos Espíritos**. Muito comuns. [...]. ⁽¹¹⁾

Médiuns pintores ou desenhistas – São os que pintam ou desenham **sob a influência dos Espíritos**. Falamos dos que obtêm trabalhos sérios, visto não se poder dar esse nome a certos médiuns que Espíritos zombeteiros levam a fazer coisas grotescas, que desabonariam o mais atrasado estudante. ⁽¹²⁾

Médiuns músicos – Os que executam, compõem ou escrevem músicas, **sob a**

influência dos Espíritos. Há médiuns músicos mecânicos, semimecânicos, intuitivos e inspirados, como os há para as comunicações literárias. [...]. ⁽¹³⁾

b.2) “Variedades dos médiuns escreventes. Item 191. Segundo o modo de execução”:

Médiuns escreventes ou psicógrafos – Os que têm a faculdade de escrever por si mesmos **sob a influência dos Espíritos.** ⁽¹⁴⁾

Essas informações mostram que a expressão “*sob a influência dos Espíritos*” é frequentemente utilizada por Allan Kardec para descrever a atuação mediúnica.

Pesquisa nas obras da Codificação

No item VI da Introdução de **O Livro dos Espíritos**, Allan Kardec fez um resumo dos pontos mais importantes da doutrina espírita. Esse resumo já consta deste a sua 1ª edição, publicada em 18/03/1857. Deles destacamos estes dois:

- as relações dos Espíritos com os homens são constantes. Os Espíritos bons nos incitam ao bem, nos sustentam nas provas da vida e nos ajudam a suportá-las com coragem e resignação. **Os maus nos impelem para o mal**: é para eles um prazer ver-nos sucumbir e nos identificar com eles;

- as comunicações dos Espíritos com os homens são ocultas ou ostensivas. As ocultas ocorrem pela influência boa ou má que exercem sobre nós, à nossa revelia. Cabe ao nosso julgamento discernir as boas das más inspirações. **As comunicações ostensivas** se dão por meio da escrita, da palavra ou de outras manifestações materiais, na maioria das vezes pelos médiuns que lhes servem de

instrumento; ⁽¹⁵⁾)

Diante do exposto, forçoso concluirmos que todas as pessoas, indistintamente, sofrem influência dos Espíritos, tanto dos bons quanto dos maus, influência essa que o Codificador classifica como uma forma de “*comunicação oculta*”.

Por outro lado, as comunicações ostensivas se dão, em geral, por intermédio daqueles cuja mediunidade se manifesta de forma ostensiva, o que Allan Kardec relacionada a uma “*disposição orgânica especial*”.

Na questão 87 de **O Livro dos Espíritos**, lemos:

87. Os Espíritos ocupam uma região determinada e circunscrita no Espaço?

“Os Espíritos estão por toda parte. Povoam infinitamente os espaços infinitos. Há os que estão sem cessar ao vosso lado, observando-vos e **atuando sobre vós, sem que o saibais**, já que os Espíritos são uma das forças da Natureza e os instrumentos de que Deus se serve para a execução de seus desígnios providenciais.

Nem todos, porém, vão a toda parte, pois há regiões interditas aos menos adiantados.”
(¹⁶)

Ora, se os Espíritos atuam sobre nós, isso demonstra a universalidade da influência espiritual. Essa constatação, associada às afirmações de Allan Kardec que veremos adiante sobre a mediunidade como faculdade inerente ao homem, ajuda a compreender por que podemos falar em mediunidade no sentido amplo.

Do artigo “Diferentes naturezas de manifestações”, publicado na **Revista Espírita 1858**, mês de janeiro, ressaltaremos o seguinte trecho:

Os Espíritos atestam a sua presença de diversas maneiras, segundo sua aptidão, sua vontade e seu maior ou menor grau de elevação. Todos os fenômenos dos quais teremos ocasião de nos ocupar, se relacionam, naturalmente, a um ou a outro desses modos de comunicação. Cremos, pois, para facilitar o entendimento dos fatos, dever abrir a série de nossos artigos pelo quadro das diferentes naturezas de manifestações. Podem ser resumidas assim:

1º Ação oculta, quando ela não tem nada ostensivo. Tais são, por exemplo as inspirações ou sugestões de pensamento, as advertências íntimas, as influências sobre os acontecimentos, etc.;

2º *Ação patente ou manifestação*, quando ela é apreciável de um modo qualquer;

3º *Manifestações físicas ou materiais*; são aquelas que se traduzem por fenômenos sensíveis, tais como os ruídos, o movimento e o deslocamento de objetos. Essas manifestações não comportam, muito frequentemente, nenhum sentido direto; elas não têm por objetivo senão chamar a nossa atenção sobre alguma coisa, e nos convencer da presença de uma força superior à do homem;

4º *Manifestações visuais ou aparições*, quando um Espírito se revela à visão, sob uma forma qualquer, sem ter nenhuma das propriedades conhecidas da matéria;

5º *Manifestações inteligentes*, quando revelam um pensamento. Toda manifestação que comporte um sentido, não fora senão um simples movimento ou um ruído que acuse uma certa liberdade de ação, responde a um pensamento ou obedece a uma vontade, é uma manifestação inteligente. Ocorrem em todos os graus;

6º As comunicações; são as manifestações inteligentes que têm por

objeto uma troca seguida de pensamentos entre o homem e os Espíritos. ⁽¹⁷⁾ (itálico do original)

O item “*ação oculta*” e o “*as comunicações*”, respectivamente, 1º e o 6º, interessam-nos particularmente, pois ajudam a compreender a diferença entre a influência espiritual que se exerce de forma oculta e as comunicações propriamente ditas, que podem ocorrer de forma ostensiva ou não.

Na ***Revista Espírita 1858***, mês de janeiro, o Codificador publicou uma carta que enviara ao Príncipe G., da qual destacamos este trecho:

Os Espíritos podem guiar-nos por meio de conselhos diretos nas coisas da vida?

Sim, podem e o fazem de bom grado. Esses conselhos **nos chegam diariamente pelos pensamentos que nos sugerem**. Muitas vezes fazemos coisas cujo mérito nos atribuímos quando, na realidade, resultam apenas de uma inspiração que nos foi transmitida. Ora, como estamos rodeados de Espíritos que nos influenciam neste ou naquele sentido, temos sempre o livre-arbítrio para nos guiar na escolha; e felizes seremos se preferirmos o nosso gênio bom.

Além dos **conselhos ocultos**, podemos obter estes diretamente através de um médium; mas aqui é o caso de recordarmos os princípios fundamentais que acabamos de emitir. [...].

Não menos importante, o segundo ponto consiste na natureza dos Espíritos aos quais nos dirigimos. Não devemos crer que possamos ser guiados corretamente pelo primeiro que apareça. Aquele que visse nas comunicações espíritas apenas um meio de adivinhação e no médium um leitor de *buena dicha* enganar-se-ia redondamente. É preciso considerar que **no mundo dos Espíritos temos amigos que por nós se interessam**, muito mais sinceros e devotados do que os que tomam esses títulos na Terra, e que não têm o menor interesse em nos lisonjear ou em nos enganar. São, **além do nosso Espírito protetor, parentes ou pessoas a quem nos afeiçoamos quando vivas, ou Espíritos que nos querem o bem por simpatia**. Quando chamados vêm de boa vontade e até mesmo quando não são chamados; **muitas vezes os temos ao nosso lado, sem que o suspeitemos**. Através dos médiuns podemos pedir-lhes conselhos diretos e os recebemos, mesmo espontaneamente, sem que lhos tenhamos pedido. Fazem-no sobretudo *na intimidade, no silêncio, e desde que nenhuma influência estranha os venha perturbar*; são, aliás,

muito prudentes e, de sua parte, jamais devemos temer uma indiscrição: calam-se quando há ouvidos em demasia. **Fazem-no ainda com mais prazer quando estão em frequente comunicação conosco.** Como não dizem senão coisas adequadas e conforme a oportunidade, é preciso esperar a sua boa vontade e não acreditar que, à primeira vista, venham satisfazer a todos os nossos pedidos. Querem assim provar que não estão às nossas ordens. ⁽¹⁸⁾ (itálico do original)

Ao dizer que os conselhos dos Espíritos, sejam eles protetores, parentes ou amigos, nos chegam diariamente, o Codificador está se referindo à mediunidade no sentido amplo, aquela comum a todos os homens.

Do artigo “Obsedados e subjugados”, publicado na **Revista Espírita 1858**, mês de outubro, destacamos os seguintes itens dos oito pontos principais listados por Allan Kardec:

2º Estamos, sem cessar, cercados de um enxame de Espíritos que, por estarem invisíveis aos nossos olhos materiais, não deixam de estar no espaço, ao redor de nós, ao nosso lado, espiando nossas ações,

lendo em nossos pensamentos, uns para nos fazerem o bem, outros para nos fazerem o mal, segundo sejam mais ou menos bons.

3º Pela inferioridade, física e moral, de nosso globo na hierarquia dos mundos, os Espíritos inferiores neles são mais numerosos que os Espíritos superiores.

4º Entre os Espíritos que nos cercam, há os que se ligam a nós, que agem mais particularmente sobre o nosso pensamento, nos aconselham, e dos quais seguimos o impulso, com o nosso desconhecimento; felizes se escutamos a voz daqueles que são bons.

5º Os Espíritos inferiores não se ligam senão àqueles que os escutam, junto aos quais têm acesso, e aos quais se prendem. Se chegam a imperar sobre alguém, se identificam com o seu próprio Espírito, o fascinam, o obsedam, o subjugam e o conduzem como uma verdadeira criança. ⁽¹⁹⁾

Então, a ação dos Espíritos é algo real, que atinge a todos nós. A nossa sintonia com os bons está intimamente ligada à nossa maneira de proceder diante da Lei de amor.

E mais adiante, já pelo final do artigo, o

Codificador argumenta sobre a situação do Senhor F..., jovem obsedado:

Essa história que, infelizmente, não é a única do nosso conhecimento, levanta uma questão muito grave. Não foi, para esse homem jovem, dir-se-á, uma coisa deplorável ser médium? Não foi essa faculdade que lhe causou a obsessão da qual era objeto? Em uma palavra, não é uma prova do perigo das comunicações espíritas?

Nossa resposta é fácil, e pedimos meditá-la com cuidado.

Não foram os médiuns que criaram os Espíritos, estes existem de todos os tempos, e **em todos os tempos exerceram sua influência, salutar ou perniciosa, sobre os homens**. Não há, pois, a necessidade de ser médium para isso. A faculdade medianímica, para eles, não é senão um meio de se manifestarem; à falta dessa faculdade, fazem-no de mil outras maneiras. **Se esse jovem não fosse médium, não estaria menos sobre a influência desse mau Espírito** que, sem dúvida, tê-lo-ia feito cometer extravagâncias que não se poderiam atribuir a qualquer outra causa. Felizmente para ele, a sua faculdade de médium, permitindo ao Espírito se comunicar por palavras, foi por essas palavras que o Espírito se traiu; elas

permitiram conhecer a causa do mal que poderia ter sido, para ele, de consequências funestas, e que destruímos, como se viu, por meios bem simples, bem racionais, e sem exorcismo. **A faculdade mediúnica permitiu ver o inimigo, se assim se pode dizer, face a face, e combatê-lo com as suas próprias armas.** Pode-se, pois, com inteira certeza, dizer que ela o salvou; quanto a nós, não fomos senão os médicos que, julgando a causa do mal, aplicamos o remédio. **Seria um grave erro crer que os Espíritos não exercem sua influência senão pelas comunicações escritas ou verbais; essa influência é de todos os instantes, e aqueles que não creem nos Espíritos a ela estão expostos como os outros, e mesmo mais expostos que os outros, porque não têm contrapeso.** A quantos atos não se é compelido, para sua infelicidade, e que se teria evitado tendo um meio de se esclarecer! Os mais incrédulos não creem ser tão verdadeiros quando dizem, de um homem, que se engana com obstinação: São maus gênios que o empurram para a sua perdição.

Regra geral. Quem tem más comunicações espíritas, escritas ou verbais, está sob uma influência má; essa influência se exerce sobre ele, quer escreva ou não escreva, quer dizer, quer seja ou não médium. A escrita dá um meio de se

assegurar da natureza dos Espíritos que atuam sobre ele, e de combatê-los, o que se faz, ainda, com mais sucesso, quando se chega a conhecer o motivo que os faz agir. Se é bastante cego para não compreendê-lo, outros podem abrir-lhe os olhos. Aliás, é necessário ser médium para escrever absurdos? E quem diz que, entre todas as elucubrações ridículas ou perigosas, **não há aquelas cujos autores são impelidos por algum Espírito malevolente? As três quartas partes de nossas más ações e de nossos maus pensamentos são o fruto dessa sugestão oculta.**

Se o senhor F... não fosse médium, perguntar-se-á, poderia ele mesmo fazer essa obsessão cessar? Seguramente; somente os meios teriam diferido, segundo as circunstâncias; mas, então, os Espíritos não podendo nos dirigir, como o fizeram, provavelmente, ter-se-ia desprezado a causa, se não houvera **manifestação espírita ostensiva. Todo homem** que disso tem vontade, e **que é simpático aos bons Espíritos, pode sempre, com a ajuda destes, paralisar a influência dos maus.** Dizemos que deve ser simpático aos bons Espíritos, porque se atrai, ele mesmo, inferiores, é evidente que é querer caçar lobos com lobos.

Em resumo, o perigo não está no próprio Espiritismo, uma vez que ele pode, ao contrário, servir de controle, e preservar

daquele que corremos, sem cessar, com o nosso desconhecimento; está na propensão de certos médiuns crerem-se, muito levianamente, os instrumentos exclusivos de Espíritos superiores, e na espécie de fascinação que não lhes permite compreender as tolices das quais são intérpretes. Aqueles mesmos que não são médiuns, nisso podem se deixar prender. [...]. ⁽²⁰⁾ (itálico do original)

Não temos dúvida alguma de que a “influência, salutar ou perniciosa, sobre os homens” é algo que se verifica em todos os tempos.

Também, é claro para nós que *“essa influência é de todos os instantes, e aqueles que não creem nos Espíritos a ela estão expostos como os outros”,* de dentro.

Bem interessante é generalização feita por Allan Kardec sobre a influência malévola dos Espíritos; *“As três quartas partes de nossas más ações e de nossos maus pensamentos são o fruto dessa sugestão oculta”*.

No caso do Senhor F... o Codificador considera que se não houvesse a manifestação espírita

ostensiva, talvez a obsessão que passava não fosse detectada, do que podemos concluir que existem influência oculta, e não é fácil serja identificada.

No artigo “Escolhos dos Médiuns” publicado na **Revista Espírita 1859**, mês de fevereiro, Allan Kardec fala desses dois sentidos: o amplo e o restrito:

A mediunidade é uma faculdade multiforme que apresenta uma variedade infinita de matizes em seus meios e em seus efeitos. **Quem quer que seja apto a receber ou transmitir as comunicações dos Espíritos** é, por isso mesmo, médium, seja qual for o modo empregado ou o grau de desenvolvimento da faculdade, desde a simples influência oculta até a produção dos mais insólitos fenômenos. **Usualmente, todavia, essa palavra tem uma acepção mais restrita e em geral se refere às pessoas dotadas de um poder mediatriz muito grande**, seja para produzir efeitos físicos, seja **para transmitir o pensamento dos Espíritos pela escrita ou pela palavra.**
(²¹)

Nesse mundo de provas e expiações, quem não sujeito à influência dos Espíritos, especialmente por meio daquilo que Allan Kardec denomina de “*simples influência oculta*”?

Em resumo, temos como entendimento do Codificador, esta divisão: **médium no sentido amplo**: todas as pessoas o são, enquanto que **médium no sentido restrito** se refere àquelas que têm a mediunidade de forma ostensiva.

Consultemos o **Dicionário Eletrônico Houaiss**:

Comunicação: s.f. ato ou efeito de comunicar(-se) 1 ação de transmitir uma mensagem e, eventualmente, receber outra mensagem como resposta; 1.1 COMN processo que envolve a transmissão e a recepção de mensagens entre uma fonte emissora e um destinatário receptor, no qual as informações, transmitidas por intermédio de recursos físicos (fala, audição, visão etc.) ou de aparelhos e dispositivos técnicos, são codificadas na fonte e decodificadas no destino com o uso de sistemas convencionados de signos ou símbolos sonoros, escritos, iconográficos, gestuais

etc.

Comunicar: v. 1 t.d.bit. **fazer chegar, transmitir (mensagem, informação, ordem etc.);** 2 bit. e pron. passar ou deixar passar (força, energia etc.); transmitir(-se); 3 pron. propagar-se, espalhar-se, difundir-se; 4 t.i. e pron. **estar ou entrar em contato (falando, escrevendo);** 5 bit. **pôr em conexão ou em relação íntima;** 6 t.d.bit. e pron. possibilitar o deslocamento de um lugar a outro, de uma coisa a outra; 7 t.d.bit. e pron. pegar ou transmitir(-se) por contágio; 8 bit. transmitir, transferir.

Uma vez que foi dito ser a mediunidade uma faculdade para “*receber e transmitir comunicações dos Espíritos*” o conjunto dos conceitos acima é necessário para ampliar a nossa compreensão, evitando limitar a nossa mente.

Dos cinco “Aforismos espíritas e pensamentos destacados” publicados na **Revista Espírita 1859**, mês de maio, destacamos o seguinte:

Os Espíritos encarnados agem por si mesmos, segundo sejam bons ou maus; **podem agir também sob o impulso de Espíritos não encarnados, dos quais**

são os instrumentos para o bem ou o mal, ou para o cumprimento de acontecimentos. Assim, **com o nosso desconhecimento, somos os agentes da vontade dos Espíritos** por aquilo que se passa no mundo, ora num interesse geral, ora num interesse individual. Assim, encontramos alguém que é causa para que façamos ou não façamos alguma coisa; cremos que seja o acaso que no-lo envia, ao passo que, **o mais frequentemente, são os Espíritos que nos impelem um contra o outro**, porque esse reencontro deve conduzir a um resultado determinado.
(²²)

Queremos chamar a atenção para a questão da influência dos Espíritos bons ou maus que todos nós sofremos. Todos nós, repetidos, e não somente os que designamos de médiuns ostensivos.

Do artigo “Processo para afastar os maus Espíritos”, publicado na **Revista Espírita 1859**, mês de setembro, transcrevemos o seguinte parágrafo:

É preciso não perder de vista que os Espíritos constituem todo um mundo, toda uma população que enche o espaço, circula ao nosso lado, mistura-se a tudo quanto fazemos. Se o véu que no-los oculta viesse a

ser levantado, nós os veríamos à nossa volta, indo e vindo, seguindo-nos ou nos evitando, conforme o grau de simpatia; uns indiferentes, verdadeiros desocupados do mundo oculto, outros muito ocupados, quer consigo mesmos, quer com os homens aos quais se ligam, com um propósito mais ou menos louvável, segundo as qualidades que os distinguem. Numa palavra, veríamos uma cópia perfeita do gênero humano, com suas boas e más qualidades, com suas virtudes e vícios. **Esse envolvimento, ao qual não podemos escapar, já que não há recantos por demais ocultos que sejam inacessíveis aos Espíritos, exerce sobre nós e à nossa revelia, uma influência permanente. Uns nos impelem ao bem, outros ao mal; muitas vezes as nossas determinações resultam de suas sugestões;** felizes daqueles que têm juízo suficiente para discernir o bom ou o mau caminho por onde nos procuram arrastar. Considerando-se que os Espíritos nada mais são que os próprios homens despojados de sua indumentária grosseira, ou almas que sobrevivem aos corpos, segue-se que **há Espíritos desde que há seres humanos no Universo.** São uma das potências da Natureza, e não esperam que haja médiuns escreventes para agir; a prova disso é que, em todos os tempos, os homens hão cometido inconseqüências. **Eis por que dizemos que sua influência é independente da faculdade de**

escrever; essa faculdade é um meio de conhecer tal influência, de saber quais são os que nos rodeiam e quais aqueles que se ligam a nós. **Pensar que nós podemos subtrair a essa influência, abstando-nos de escrever, é agir como crianças que acreditam escapar a um perigo pelo simples tapar dos olhos.** Ao revelar aqueles que temos por camaradas, como amigos ou inimigos, por isso mesmo a escrita nos proporciona uma arma para combater estes últimos, pelo que devemos agradecer a Deus. Na ausência da visão para reconhecer os Espíritos, temos as comunicações espíritas, por onde eles se revelam tais quais são; *isso é, para nós, um sentido* que nos permite julgá-los. Repeli-lo é comprazer-se em ficar cego e exposto ao engano sem controle. ⁽²³⁾ (itálico do original)

Ninguém está livre da influência dos Espíritos, uma vez que eles *“exercem sobre nós e à nossa revelia, uma influência permanente”* de tal maneira que *“Uns nos impelem ao bem, outros ao mal; muitas vezes as nossas determinações resultam de suas sugestões”*.

Continuando na **Revista Espírita 1859**, mês de novembro, vemos que foi publicado o artigo “Médiuns sem saber” do qual transcrevemos os

seguintes parágrafos que o inicia:

Na sessão da Sociedade, de 16 de setembro de 1859, foram lidos diversos trechos de um poema do Sr. de Porry, de Marselha, intitulado *Urânia*. Como então se observou, nesse poema abundam as ideias espíritas, que parecem ter sido hauridas na própria fonte de *O Livro dos Espíritos*. Entretanto, constatou-se que na época em que foi escrito seu autor não tinha nenhum conhecimento da Doutrina Espírita. Nossos leitores certamente ficarão gratos se lhes dermos alguns fragmentos. Por certo se recordam do que a respeito foi dito da maneira pela qual o Sr. de Porry escreveu seu poema, maneira que **parece denunciar uma espécie de mediunidade involuntária** (Ver o número do mês de outubro de 1859). Aliás, **os Espíritos que nos cercam exercem sobre nós, mau grado nosso, uma influência incessante, aproveitando as disposições que encontram em certos indivíduos para transformá-los em instrumentos das ideias que querem exprimir e levar ao conhecimento dos homens**. Esses indivíduos **são, pois, sem o saber, verdadeiros médiuns** e, para isso, não necessitam possuir a mediunidade mecânica. **Todos os homens de gênio, poetas, pintores e músicos estão neste caso; certamente seu próprio Espírito**

pode produzir por si mesmo, se é assaz avançado para isso. Entretanto, **muitas ideias lhe podem vir de uma fonte estranha; pedindo inspiração**, não parece que estejam fazendo um apelo? Ora, **o que é essa inspiração, senão uma ideia sugerida? Aquilo que tiramos do nosso próprio íntimo não é inspirado: nós o possuímos e não temos necessidade de recebê-lo.**

Se o homem de gênio tirasse tudo de si mesmo, por que, então, lhe faltariam ideias no momento em que as procura? Não seria capaz de as extrair do cérebro, como aquele que tem dinheiro o retira do bolso? Se nada encontra em dado momento, é porque nada tem. Por que, então, quando menos espera, as ideias brotam como por si mesmas? Poderiam os fisiologistas esclarecer esse fenômeno? Acaso já procuraram resolvê-lo? Dizem eles: o cérebro produz hoje, mas amanhã não produzirá. Mas por que não produzirá amanhã? Limitam-se a dizer que é porque produziu na véspera. Segundo a Doutrina Espírita, o cérebro pode sempre produzir o que está dentro dele, razão por que o mais inepto dos homens sempre acha alguma coisa a dizer, mesmo que seja uma tolice. Mas **as ideias das quais não somos os donos, não são nossas: elas nos são sugeridas.** Quando a inspiração não vem é porque o inspirador não está presente ou não julga conveniente inspirar.

Parece-nos que esta explicação é melhor do que a outra. [...]. (24)

A inspiração é algo que todos nós “sofremos”, seja ela proveniente dos bons ou dos maus Espíritos, o fato é que não há uma só alma viva na Terra que esteja imune a ela.

Na seção “Conversas familiares de alémtúmulo”, da **Revista Espírita 1859**, mês de dezembro, foi publicada uma “Comunicação espontânea de Privat D’Anglemon”, ocorrida a 30 de setembro de 1859, que transcrevemos:

“Enfim eis que o Espiritismo faz grande ruído por toda a parte, e eis que os jornais dele se ocupam, de um modo indireto, é verdade, citando fatos extraordinários de aparições, de pancadas, etc. Meus confrades citam os fatos sem comentários; nisso dão prova de inteligência, porque a Doutrina Espírita jamais deve ser mal discutida ou achada ruim. Todavia, **ainda não admitiram a veracidade do papel do médium**; eles duvidam; mas eu refuto as suas objeções em dizendo isto, que **eles mesmos não são senão médiuns; todos os escritores, pequenos e grandes o são, mais ou menos; o são nesse**

sentido que os Espíritos que estão ao seu redor agem sobre o seu sistema mental, e lhes inspiram, frequentemente, pensamentos que se glorificam de terem criado. Certamente, jamais teriam duvidado que eu, Privat d'Anglemon, Espírito leviano por excelência, jamais teria resolvido esta questão; e, todavia, não digo senão a verdade, e para prova dou uma coisa bem simples: Como ocorre que, depois de ter escrito durante algum tempo, estão como sobre-excitados e num estado de febre pouco comum? A atenção, dir-me-eis. Mas quando estais bem ligados a uma coisa, suponho olhando um quadro, é quando tendes a febre? Não, não é? Portanto, é necessário que haja uma outra causa. Pois bem! Eu o repito, **a causa está na espécie de comunicação que existe entre o cérebro do escritor e os Espíritos que o cercam.** Agora, meus caros confrades, chicoteai se vos parece bom o Espiritismo, zombai dele, mas com certeza zombareis de vós mesmos, vos dareis para mais tarde vergastas para vós... me compreendeis?" (25)

Eis o ponto: a mediunidade de intuição é generalizada, como se depreende das afirmações de Allan Kardec que acabamos de examinar. Ademais, ninguém poderia negar esse fato, que a experiência

de todos os estudiosos do Espiritismo comprova.

De **O Livro dos Espíritos**, capítulo “IX – Intervenção dos Espíritos no mundo corpóreo”, destacamos estas duas questões do tópico “Influência oculta dos Espíritos em nossos pensamentos e atos”:

459. Os Espíritos influem em nossos pensamentos e em nossos atos?

“Muito mais do que imaginais, pois **frequentemente são eles que vos dirigem.**”

460. Além dos pensamentos que nos são próprios, haverá outros que nos são sugeridos?

“Vossa alma é um Espírito que pensa. Não ignorais que **muitos pensamentos vos ocorrem** ao mesmo tempo sobre o mesmo assunto e, frequentemente, bastante contraditórios. Pois bem! **Neles há sempre um pouco de vós e um pouco de nós**, e é isso que vos deixa na incerteza, porque tendes em vós duas ideias que se combatem.” ⁽²⁶⁾ (itálico do original)

Nas respostas, os Espíritos superiores não restringem a influência dos Espíritos aos médiuns,

mas a estendem todos nós, uma vez que em grande parte dos pensamentos que nos ocorrem, há sempre *“um pouco de vós e um pouco de nós”*.

Podemos ainda acrescentar, para que fique bem evidenciada a influência que os Espíritos exercem sobre nós:

461. *Como distinguir os pensamentos que nos são próprios dos que nos são sugeridos?*

“Quando um pensamento vos é sugerido, é como uma voz que vos fala. Geralmente, os pensamentos próprios são os que vos ocorrem em primeiro lugar. Afinal, não vos é de grande interesse estabelecer essa distinção, e muitas vezes é útil não sabê-la: o homem age mais livremente. Se decidir pelo bem, ele o fará com maior boa vontade; se tomar o mau caminho, maior será a sua responsabilidade.”

464. ***Como distinguir se um pensamento sugerido procede de um Espírito bom ou de um Espírito mau?***

“Estudai o caso. Os Espíritos bons só aconselham o bem. Cabe a vós distinguir.”

467. ***Pode o homem libertar-se da influência dos Espíritos que o impelem ao***

mal?

“Sim, visto que tais Espíritos só se apegam aos que os chamam por seus desejos ou os atraem por seus pensamentos.”

469. **Por que meios podemos neutralizar a influência dos Espíritos maus?**

“Praticando o bem e pondo toda a vossa confiança em Deus, **repelireis a influência dos Espíritos inferiores e destruireis o império que queiram ter sobre vós.** Evitai escutar as sugestões dos Espíritos que vos suscitam maus pensamentos, que sopram a discórdia entre vós e excitam todas as paixões más. Desconfiai, sobretudo, dos que exaltam o vosso orgulho, porque eles vos atacam na vossa fraqueza. Essa a razão por que Jesus vos ensinou a dizer, na oração dominical: *Senhor!* (27) (itálico do original)

Corrobora-se, portanto, que a influência dos Espíritos sobre nós é geral, ou seja, abrange indistintamente a todos os encarnados e não somente aos médiuns ostensivo.

De **O Livro dos Médiuns**, é oportuno inicialmente citarmos algo da “Introdução”, vejamos o teor do 3º parágrafo:

Enganar-se-ia igualmente quem pensasse encontrar nesta obra uma receita universal e infalível para formar médiuns. **Embora cada um traga em si o gérmen das qualidades necessárias para se tornar médium, tais qualidades existem em graus muito diferentes e o seu desenvolvimento depende de causas que criatura alguma pode provocar à vontade.** As regras da poesia, da pintura e da música não fazem que se tornem poetas, pintores ou músicos os que não possuem o gênio dessas Artes; apenas os guiam no emprego de suas faculdades naturais. Dá-se a mesma coisa com o nosso trabalho; **seu objetivo consiste em indicar os meios de desenvolver a faculdade mediúnica,** tanto quanto o permitam as disposições de cada um e, sobretudo, dirigir-lhe o emprego de maneira proveitosa, **quando existir a faculdade.** Este, porém, não é o único objetivo a que nos propusemos. ⁽²⁸⁾

Aqui nesse ponto, Allan Kardec não adiantou nada quanto aos dois sentidos – o amplo e o restrito – que deu à mediunidade e nem mencionou se tratar de uma disposição orgânica. Tudo isso veremos no desenvolvimento dessa pesquisa.

Entendemos que ao dizer “*cada um traga em si*

o gérmen das qualidades necessárias para se tornar médium” o Codificador estaria referindo-se à mediunidade no sentido amplo, aquela que todos nós possuímos.

Por outro lado, o fato de Allan Kardec ter dito que *“quando existir a faculdade”* a possibilidade de desenvolvê-la *“depende de causas que criatura alguma pode provocar à vontade”* se refere a algo que será detalhado no desenrolar da obra.

Do quarto parágrafo, destacamos a frase inicial, na qual Allan Kardec diz: *“Ao lado dos médiuns propriamente ditos, aumenta diariamente o número de pessoas que se ocupam com as manifestações espíritas”* ⁽²⁹⁾.

Muito sintomática é a expressão *“médiuns propriamente ditos”*, que parece corroborar a existência de um uso mais específico do termo *“médium”*, distinto de sua acepção mais abrangente. Essa distinção, como veremos, relaciona-se à mediunidade ostensiva ⁽³⁰⁾.

No item 244 do capítulo “XXIII – Obsessão” de ***O Livro dos Médiuns***, encontraremos mais uma

informação que vem somar:

[...] Não sendo os Espíritos senão as almas dos homens, é claro que há Espíritos desde que há homens; por conseguinte, **desde todos os tempos eles exerceram influência salutar ou perniciosa sobre a Humanidade.** A faculdade mediúnica não lhes é mais que um meio de se manifestarem. Em falta dessa faculdade, eles se revelam de mil outras maneiras, mais ou menos ocultas. Seria errôneo, pois, acreditar-se que os Espíritos só exercem sua influência por meio de comunicações escritas ou verbais. **Essa influência é permanente e mesmo os que não se ocupam com os Espíritos, ou neles não creem, estão expostos a sofrê-la,** como os outros e mesmo mais do que os outros, porque não têm como contrabalançá-la. A mediunidade é, para o Espírito, um meio de se fazer conhecido. Se ele é mau, sempre se trai, por mais hipócrita que seja. Pode-se, pois, dizer que a mediunidade permite se veja o inimigo face a face, se assim nos podemos exprimir, e combatê-lo com suas próprias armas. **Sem essa faculdade, ele age na sombra** e, tendo a seu favor a invisibilidade, pode fazer e realmente faz muito mal. [...]. ⁽³¹⁾

A possibilidade da obsessão indica que a

pessoa está sujeita à influência dos Espíritos, o que, dentro da concepção de mediunidade em sentido amplo que estamos examinando, permite considerá-la médium. Isso não significa, porém, que a obsessão, por si só, caracterize uma mediunidade ostensiva, uma vez que “*sem esta faculdade, ele age na sombra*”. No caso do jovem F..., a faculdade mediúnica permitiu que a influência do Espírito se mantivesse de forma ostensiva, por meio de palavras, tornando possível identificar a causa do mal.

Assim, considerando as duas transcrições anteriores, como, então, intencionalmente podemos negar que todos nós somos médiuns? Às pessoas que não possuem ideia preconcebida, fica claro que todos nós sofremos a influência dos Espíritos e, diga-se de passagem, muitas vezes não a percebemos conscientemente, uma vez que, em grande parte, ela é oculta, por ser totalmente sutil. Ademais, não podemos nos esquecer de que todos nós temos um anjo de guarda que nos acompanha desde o nosso nascimento ⁽³²⁾.

É bem certo que “*Os Espíritos protetores nos*

ajudam com seus conselhos por meio da voz da consciência, que fazem ressoar em nosso íntimo" (³³). Se, porventura, não o "*sentíssemos*", então, admitindo-se essa tese, com base na ética e na lógica, a nossa melhor opção seria a de "*dispensá-lo da função*".

Além dele, temos "uma turma" que nos acompanha. Em **O Evangelho Segundo o Espiritismo**, capítulo "XXVIII – Coletânea de preces espíritas", há uma lista deles:

Além do nosso anjo da guarda, que é sempre um Espírito superior, **temos Espíritos protetores** que, **embora menos elevados**, não são menos bons e benevolentes; são parentes, ou amigos, ou, algumas vezes, pessoas que não conhecemos na existência atual. **Eles nos assistem com seus conselhos, intervindo, muitas vezes, nos atos da nossa vida.**

Espíritos simpáticos são os que se ligam a nós por uma certa analogia de gostos e de pendores. Podem ser bons ou maus, conforme a natureza das inclinações que os atraem.

Os Espíritos sedutores se esforçam

por nos afastar do caminho do bem, sugerindo-nos maus pensamentos.

Aproveitam-se de todas as nossas fraquezas, como de outras tantas portas abertas, que lhes dão acesso à nossa alma. Há os que se agarram a nós como a uma presa, mas que se *afastam quando se reconhecem impotentes para lutar contra a nossa vontade.*

Deus nos deu **um guia principal e superior em nosso anjo da guarda, e guias secundários em nossos Espíritos protetores e familiares.** [...]. ⁽³⁴⁾ (itálico do original, negrito nosso)

Dessa maneira, a influência dos Espíritos se faz de forma geral e irrestrita a todos nós, sem qualquer tipo de privilégio. Identificando ou não seus pensamentos, já que agem de forma oculta, eles estão aí presentes fazendo o possível para nos levar para o bom caminho.

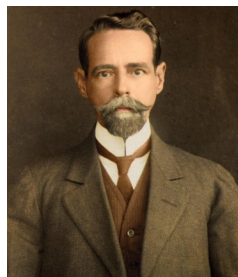
Esta imagem ⁽³⁵⁾ do pesquisador tendo uma “brilhante ideia”, bem que representa uma situação no nosso dia a dia, quando estamos realizando um



determinado trabalho ou alguma atividade e nos surge uma ideia como que do nada.

Dentre os Espíritos que nos acompanham – anjos da guarda, protetores e simpáticos – um deles pode nos “sopra” uma ideia que tomamos como sendo nossa, levando-nos a julgar que somos um gênio. É uma situação bastante comum em nosso dia a dia e que pode acontece com todos nós.

Cairbar Schutel (1868-1938) foi um destacado divulgador espírita, que, no ano de 1905, fundou o Jornal *O Clarim*, e, em 1925, com a colaboração de com



Luís Carlos de Oliveira Borges, lança a *Revista Internacional do Espiritismo*. De sua obra **Médiuns e Mediunidade** (1923), do capítulo “A doutrina do anjo da Guarda – o guia espiritual – os espíritos familiares”, transcrevemos o seguinte trecho:

A doutrina do *Anjo da Guarda* é uma doutrina de Luz e de Amor.

Esta proposição não admite contestações

entre os espiritualistas.

Parece-nos, portanto, claro e lógico que esse guia de ser evocado por nós, sempre que necessitarmos da sua opinião para um fim moral.

Mas, como pode ele responder às nossas perguntas? Como poderá nos ensinar, instruir-nos, para que desempenhe a tarefa a que se propôs?

Estamos no tema dos nossos estudos: *médiuns e mediunidades*, e o leitor inteligente já percebeu.

Está claro que o Anjo da Guarda é um Espírito e esse Espírito deve forçosamente ser mais adiantado que seu protegido para poder ensiná-lo, guiá-lo, e que o faz obedecendo às leis da mediunidade.

O Apóstolo Paulo confirma esta verdade, e Jesus fala do Espírito que deveriam receber os que nele cressem.

A mediunidade é, pois, a mediadora dos ensinamentos do Anjo Guardião, sendo por isso, indispensável o seu desenvolvimento.
(³⁶)

Temos, portanto, na visão de Cairbar Schutel, que é através da mediunidade que nos comunicamos com o nosso anjo da guarda. Considerando que,

segundo ele, todos nós temos esse guia, sua conclusão é que todos somos médiuns.

Na lógica apresentada por Caibar Schutel, se não o fôssemos médiuns, não poderíamos nos comunicar com o nosso anjo da guarda, razão pela qual não faria sentido algum ele nos acompanhar na presente encarnação.

Alguns confrades dizem, até de forma muito incisiva, que não somos todos médiuns, a base principal para essa negativa deles é o item 159 do Capítulo “XIV – Os médiuns” de **O Livro dos Médiuns** ⁽³⁷⁾, no qual lemos:

“Toda pessoa que sente a influência dos Espíritos, em qualquer grau de intensidade, é médium. Essa faculdade é inerente ao homem. Por isso mesmo não constitui privilégio e são raras as pessoas que não a possuem pelo menos em estado rudimentar. Pode-se dizer, pois, que todos são mais ou menos médiuns. Usualmente, porém, essa qualificação se aplica somente aos que possuem uma faculdade mediúnica bem caracterizada, que se traduz por efeitos patentes de certa intensidade, o que **depende de uma organização mais ou menos sensitiva.**”

Separando as informações mais importantes dessa transcrição, temos:

Toda pessoa que sente a influência dos Espíritos, **em qualquer grau de intensidade**, é médium.

Essa **faculdade é inerente ao homem**. Por isso mesmo **não constitui privilégio**.

Usualmente, porém, essa qualificação **se aplica somente aos que possuem uma faculdade mediúnica bem caracterizada**.

Eles se apegam ao uso do termo “sente” entendendo-o em sentido estritamente literal, como os somente aqueles que percebem (=sentem) a influência dos Espíritos fossem médiuns. Infelizmente, focam apenas nesse ponto como se nada mais tivesse nessa fala de Allan Kardec que o contradiz.

Não se deve entender dessa forma, porquanto é preciso ir além do “sente” para também observar que foi dito “*essa faculdade é inerente ao homem*” e

“por isso mesmo não constitui privilégio”. Então, é forçoso concluir que ela é comum a todos nós, já que, como dito, é inerente ao homem e não constitui privilégio.

Por outro lado, não devemos nos esquecer de que as comunicações *“ocultas **ocorrem** pela influência boa ou má que exercem sobre nós, à **nossa revelia**”* ⁽³⁹⁾. Além disso, a mediunidade, como vimos, está relacionada a uma predisposição orgânica, aspecto que não depende da percepção consciente que o médium tenha ou não da influência espiritual.

Acrescente-se a isso o fato de que, segundo Allan Kardec, os médiuns mecânicos, por exemplo, agem *“na inconsciência absoluta”* ⁽⁴⁰⁾, portanto, não têm consciência do que lhes acontece no momento da manifestação. Certamente, não têm necessariamente consciência da influência do Espírito que impulsiona o movimento da mão, mas mesmo assim não deixam de ser médiuns, não é mesmo?

Ademais, levando-se em conta o significado do

termo “raro” como sendo “que não é fácil de encontrar”, segundo o *Dicionário Priberam* ⁽⁴¹⁾, percebe-se, sem grande esforço, que, no contexto, a expressão indica que são poucas as pessoas que não possuem sequer rudimentos dessa faculdade.

Focar na minoria para afirmar que todos não somos médiuns, não seria algo como só ver a ínfima mancha negra num lençol totalmente branco?



Somente dizer que todos não somos médiuns apresentando alguns trechos que supostamente sustentam essa ideia é pouco.

Também é preciso tecer fortes argumentos para derrubar cada um dos vários trechos em que, de maneira clara e objetiva, foi dito que todos somos médiuns.

Ademais, se observarmos essa explicação de

Allan Kardec, com maior acuidade, veremos que, no item 159, de *O Livro dos Médiuns*, ele classifica a mediunidade em dois tipos:

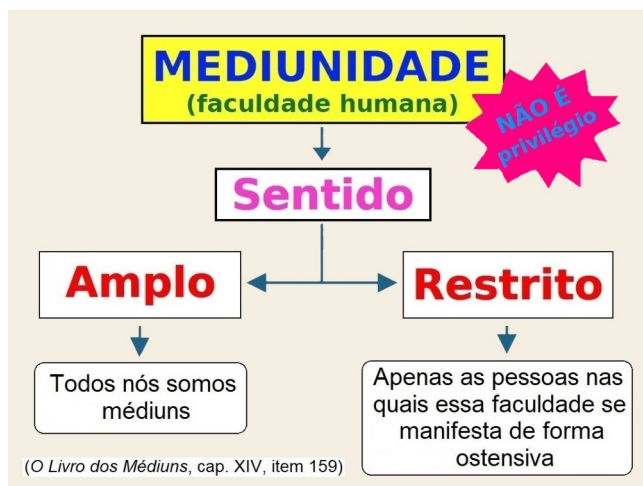
1º) No sentido amplo; e

2º) No sentido restrito.

Entendemos que a expressão “*bem caracterizada*” se refere à mediunidade que se manifesta de maneira ostensiva, correspondente ao sentido restrito em que o termo médium é usualmente empregado.

O Codificador concluiu que “*pode-se dizer, pois, que todos são mais ou menos médiuns*”, referindo-se à universalidade da faculdade. Em seguida, porém, esclarece que, no uso corrente, a qualificação de médium costuma ser reservada aos que possuem a faculdade “*bem caracterizada*”, manifestada por efeitos patentes. É justamente nessa distinção que vemos os dois sentidos que estamos denominando amplo e restrito.

Quem sabe se desenhando fica mais fácil o entendimento do que consta nesse item. Nesta imagem sistematizamos tudo quando foi dito:



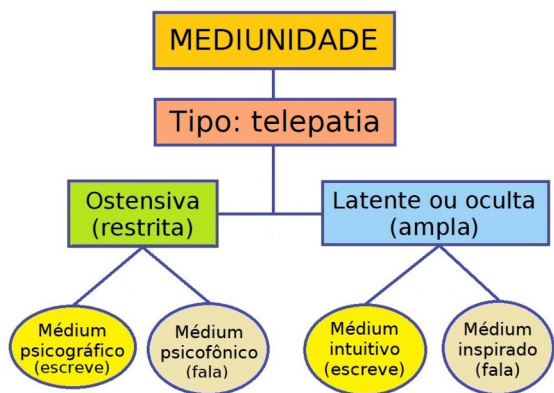
Temos notado que poucos são os estudiosos do Espiritismo que conseguiram perceber essa importantíssima nuance para o entendimento da questão. Entendemos que essa é a razão pela qual ainda se instala no meio espírita a polêmica sobre o tema.

Segundo entendemos, José Herculano Pires (1914-1979) foi um deles. Em *Mediunidade (Vida e Comunicação)* (1978), ele as designa, respectivamente, de “mediunidade estática” e “mediunidade dinâmica” ⁽⁴²⁾. Mais à frente, em capítulo próprio apresentaremos o pensamento dele, dada sua importância para esse nosso estudo.

Qual tipo de mediunidade é mais comum: a de inspiração ou intuição? De **O Livro dos Médiuns**, item 191, tomemos esta definição:

“Médiuns intuitivos: aqueles com quem os Espíritos se comunicam pelo pensamento e cuja mão é conduzida voluntariamente. Diferem dos médiuns inspirados em que estes últimos não precisam escrever, ao passo que o médium intuitivo escreve o pensamento que lhe é sugerido instantaneamente sobre um assunto determinado e provocado.” ⁽⁴³⁾

Por ser uma mediunidade “oculta” e “sutil”, apresenta maior dificuldade em ser diagnosticada.



Paulo Neto

Acreditamos que esse quadro poderá, talvez, ajudar no entendimento da mediunidade no sentido amplo e no restrito. Há uma evidente correlação entre os tipos de médiuns na mediunidade ostensiva com os da latente, fato que achamos bem significativo.

No mês de maio, conforme consta na *Revista Espírita* 1858, vamos encontrar Allan Kardec afirmando que *“dois seres da mesma natureza podem se comunicar pelo pensamento, que é um dos seus atributos, sem auxílio dos órgãos da palavra”* ⁽⁴⁴⁾, entendemos que é exatamente isso que podemos definir a telepatia. Em *O Livro dos Médiuns*, capítulo “XXV – Evocações”, item 285, o Codificador designa a telepatia entre pessoas vivas de *“telegrafia humana”* ⁽⁴⁵⁾.

Do artigo “Os Espíritos glóbulos”, publicado na ***Revista Espírita 1860***, mês de fevereiro, merece destaque o seguinte trecho:

[...]. Eles [os médiuns videntes] os veem ir e vir, entrar, sair, andar por entre os vivos com ares – pelo menos se se trata de **Espíritos comuns** – de participarem

ativamente de tudo quanto se passa em derredor deles, de se interessarem segundo o assunto, de ouvirem o que dizem os humanos. Com frequência **são vistos a se aproximar das pessoas, a lhes insuflar ideias, a influenciá-las, a consolá-las**, a se mostrar tristes ou contentes conforme o resultado que obtenham. [...]. ⁽⁴⁶⁾

Ao afirmar que os Espíritos vulgares “são vistos a se aproximar das pessoas, a lhes insuflar ideias, a influenciá-las, a consolá-las” Allan Kardec não fez nenhuma restrição dizendo que isso só acontece ria aos médiuns ostensivos, razão pela qual, concluímos é que algo genérico, atingindo a todas as pessoas. Daí entendemos que a conclusão se impõe: todos somos médiuns, no sentido amplo que estamos adotando.

Na **Revista Espírita 1865**, mês de outubro, no artigo “Partida de um adversário do Espiritismo para o mundo dos Espíritos”, o Codificador, a certa altura, afirma:

A influência dos Espíritos maus faz parte dos flagelos a que o homem está exposto na Terra, como as doenças e os

acidentes de toda sorte, porque está num mundo de expiação e de prova, onde deve trabalhar por seu adiantamento moral e intelectual. [...]. ⁽⁴⁷⁾

Novamente, a explicação sobre a influência dos Espíritos, no caso os maus, é generalizada, nesse planeta de expiação e prova não há quem não esteja sujeito a ela, perceba-a ou não, isso pouco importa.

Sobre esse tipo de influência, é oportuno também trazermos de **A Gênese**, capítulo “XIV – Os fluidos”, tópico “Qualidade dos fluidos”, item 21, o seguinte trecho:

[...] Contra a invasão dos fluidos maus é preciso que se oponham os fluidos bons e, como cada um tem no seu próprio perispírito uma fonte fluídica permanente, **todos trazem consigo o remédio indispensável**. Trata-se apenas de depurar essa fonte e de lhe dar qualidades tais que se constitua para as más influências um *repulsor*, em vez de ser uma força atrativa. O perispírito, portanto, é uma couraça a que se deve dar a melhor têmpera possível. Ora, como as suas qualidades guardam relação direta com as qualidades da alma, **é preciso trabalhar**

pela sua melhoria, visto que são as imperfeições da alma que atraem os Espíritos maus.

As moscas são atraídas pelos focos de corrupção; destruídos esses focos, elas desaparecerão. Dá-se a mesma coisa com os Espíritos maus, que vão para onde o mal os atrai; eliminado o mal, eles se afastarão. *Os Espíritos realmente bons, encarnados ou desencarnados, nada têm que temer da influência dos maus.* ⁽⁴⁸⁾ (itálico do original)

A possibilidade de sofrer influência dos Espíritos maus é uma regra que vale para todos nós. A forma de evitarmos a ação negativa deles sobre nós é trabalharmos para a nossa melhoria moral, uma vez que “*O semelhante atrai semelhante*” ⁽⁴⁹⁾.

Allan Kardec não foi médium?

Sempre que se toca nesse tema, o nome de Allan Kardec é logo citado como exemplo de alguém que não era médium, levando-se em conta que ele



próprio dissera isso. Será que o Codificador não era, de fato, um médium ou temos aí apenas uma pesquisa superficial? A necessária resposta a esta pergunta será facilmente encontrada neste ebook de nossa autoria: “**Allan**

Kardec, sua mediunidade e fenômenos que protagonizou”⁽⁵⁰⁾.

Para aprofundar um pouco mais no presente tema e tratá-lo com maior objetividade, transcrevemos de nosso ebook “**Todos nós somos médiuns?**”⁽⁵¹⁾ o seguinte trecho:



Início transcrição

O próprio Allan Kardec é um bom exemplo de “ser médium sem o saber”, conforme iremos, na sequência, demonstrar.

Na **Revista Espírita 1861**, encontramos o discurso de Allan Kardec aos espíritas de Bordeaux, ocorrido em 14 de outubro de 1861, do qual transcrevemos o seguinte trecho:

Nos trabalhos que fiz para alcançar o objetivo que me propus, sem dúvida, **fui ajudado pelos Espíritos**, assim como eles me disseram várias vezes, **mas sem nenhum sinal exterior de mediunidade. Não sou, pois, médium no sentido vulgar da palavra**, e hoje compreendo que é feliz para mim que assim o seja. [...]. ⁽⁵²⁾

Ao dizer “não sou, pois, médium no sentido vulgar da palavra” Allan Kardec reafirma que há outro sentido para essa palavra. Como visto temos dois sentidos: o sentido amplo e o sentido restrito, este último é que foi designado de vulgar, ou seja, comum. Se nega este, o Codificador admite ter o sentido amplo –, quando diz que foi ajudado pelos Espíritos.

Allan Kardec, quase um ano depois, confirma isso, conforme se pode ver na **Revista Espírita 1867**, mês de setembro:

Sem ter nenhuma das qualidades exteriores da mediunidade efetiva, não contestamos em sermos assistidos em nossos trabalhos pelos Espíritos, porque temos deles provas muito evidentes para disto duvidar, o que devemos, sem dúvida, à nossa boa vontade, e o que é dado a cada um de merecer. **Além das ideias que reconhecemos nos serem sugeridas**, é notável que os assuntos de estudo e observação, em uma palavra, tudo o que pode ser útil à realização da obra, nos chega sempre a propósito, – em outros tempos eu teria dito: como por encantamento; – de sorte que os materiais e os documentos do trabalho jamais nos fazem falta. Se temos que tratar de um assunto, estamos certos que, sem pedi-lo, os elementos necessários à sua elaboração nos são fornecidos, e isto por meios que nada têm senão de muito natural, mas que são, sem dúvida, provocados por colaboradores invisíveis, como tantas coisas que o mundo atribui ao acaso. ⁽⁵³⁾

Acreditamos que aqui Allan Kardec avança mais um pouco quando diz “além das ideias que reconhecemos nos serem sugeridas”, demonstrando, que, na prática, os Espíritos lhe transmitiam pensamentos ligados aos assuntos que tratava.

Vejamos a seguinte imagem ⁽⁵⁴⁾, na qual temos nela uma representação artística da assistência dos Espíritos ao Codificador:



É provável que o autor, que infelizmente não conseguimos identificar, tenha se inspirado na **Revista Espírita 1859**, mês de maio, no relato do diálogo com o Espírito Pierre Le Flamand, do qual transcrevemos o seguinte trecho:

47. Voltemos ao senhor Allan Kardec. – R. Fui à sua casa anteontem à noite; estava ocupado escrevendo em seu escritório..., trabalhava numa nova obra que prepara... **Ah! ele nos melhora bem.** [...].

48. Estava só? - R. Só, sim, quer dizer que não havia ninguém com ele; mas **havia, ao redor dele, uma vintena de Espíritos que murmuravam acima de sua cabeça.**

49. **Ele os ouvia? – R. Ouvia-os**, se bem que olhasse por todos os lados para ver de onde vinha esse ruído, para ver se não eram milhares de moscas; depois, abriu a janela para ver se não fora o vento ou a chuva.

Nota. – O fato era perfeitamente exato.

50. Entre todos esses Espíritos, não o reconheceste? – R. Não; não são os da minha sociedade; eu tinha o ar de um intruso e postei-me num canto para observar.

51. Esses Espíritos pareciam se interessar pelo que ele escrevia? – R. Eu o creio muito! Sobretudo, havia dois ou três que lhe sopravam o que ele escrevia e que tinham o ar de se aconselharem com outros; ele, ele acreditava ingenuamente que as ideias eram dele, e com isso parecia contente. ⁽⁵⁵⁾

Muito interessante saber que, em relação aos Espíritos que estavam em sua casa, Allan Kardec “nos melhora bem” e “havia dois ou três que lhe sopravam o que ele escrevia, demonstrando, portanto, que, segundo a concepção ampla de mediunidade que estamos examinando, Allan Kardec também poderia ser considerado médium.

Na **Revista Espírita 1862**, mês de abril, Allan Kardec publica diversas mensagens relacionadas a seu artigo “Ensaio sobre a interpretação da doutrina

dos anjos decaídos”, das quais destacamos estas duas:

1ª) Assinada por “Vosso guia Espiritual”, pelo médium Sr. Barão de Kock:

Sobre este artigo não tenho senão poucas palavras a dizer, senão que é sublime de verdade; nada há a acrescentar, nada há a suprimir; bem felizes aqueles que unirem fé a essas belas palavras, aqueles que aceitarão esta Doutrina escrita por Kardec. Kardec é o homem eleito de Deus para instrução do homem desde o presente; **são palavras inspiradas pelos Espíritos do bem, Espíritos muito superiores.** Acrescentai-lhe fé; lede, estudai toda esta Doutrina: é um bom conselho que vos dou.
(⁵⁶)

2ª) Assinada por “Paul, Espírito protetor”, recebida pela médium senhora Delton:

Não direi nada diverso sobre essa interpretação dos anjos rebeldes e dos anjos decaídos, senão que ela faz parte dos ensinamentos que devem vos ser dados, a fim de dar, às coisas mal compreendidas, seu verdadeiro sentido. **Não creiais que o autor desse artigo o haja escrito sem assistência, como ele mesmo pensou; acreditou emitir suas próprias ideias e foi por isso que dela se duvidou, ao passo que, em realidade, não fez senão dar uma forma às que lhe eram inspiradas.**

Sim, está com a verdade quando disse que os anjos rebeldes estão ainda sobre a Terra, e que são os materialistas e os ímpios, aqueles que ousam negar o poder de Deus, não está aí o cúmulo do orgulho? Todos vós que credes em Deus e cantais seus louvores, vos indignais com tal audácia da criatura, e tendes razão; mas sonдай a vossa consciência, e vede se não estais, vós mesmos, a cada instante em revolta contra ele, pelo esquecimento de suas mais santas leis. [...]. ⁽⁵⁷⁾

Julgamos que, ao escrever o artigo sobre os anjos decaídos, Allan Kardec o fazia sob inspiração dos Espíritos do bem, portanto, não há dúvida alguma que agiu como médium.

Mas qual tipo de mediunidade que o Codificador possuía, de inspiração ou intuição? De **O Livro dos Médiuns**, tomemos esta definição, que irá nos ajudar a definir:

Médiuns intuitivos: aqueles com quem os Espíritos se comunicam pelo pensamento e cuja mão é conduzida voluntariamente. Diferem dos médiuns inspirados em que estes últimos não precisam escrever, ao passo que **o médium intuitivo escreve o pensamento** que lhe é sugerido instantaneamente sobre um assunto determinado e provocado. (Nº 180.) ⁽⁵⁸⁾

Assim, entendemos, s.m.j., que **Allan Kardec poderia ser considerado médium intuitivo em sentido amplo**, uma vez que reconheceu receber dos Espíritos ideias relacionadas aos assuntos que estudava e escrevia.

Fim transcrição

Portanto, tomar o “sente” ao “pé da letra” é algo que não se deve fazer, pois, por essa ótica, nem mesmo Allan Kardec seria médium, apesar da prova que apresentamos de que, de fato, ele o era.

Todos nós somos médiuns?

Vamos pincelar algumas coisas do nosso ebook já citado, porém, apresentaremos em uma nova formatação para tornar as informações resumidas, evitando uma longa repetição do que lá dissemos:

a) O Livro dos Espíritos

“[...] São essas comunicações de **cada homem com o seu Espírito familiar** que **fazem sejam médiuns todos os homens**, médiuns ignorados hoje, mas que se manifestarão mais tarde e se espalharão qual oceano sem limites, para rechaçar a incredulidade e a ignorância. [...]” (59)

b) Instruções Práticas sobre as manifestações espíritas

“Toda **pessoa que sofre de alguma maneira a influência dos Espíritos** é, por isso mesmo, médium. **Esta faculdade é inerente ao homem** e, por conseguinte, **não é um privilégio exclusivo**. Por essa razão raros são os indivíduos nos quais não se encontram ainda que simples rudimentos de mediunidade. Pode-se, pois, dizer que

todas ou quase todas as pessoas são médiuns. Todavia, **no uso corrente, esta qualificação é nitidamente caracterizada e se traduz por efeitos patentes, de certa intensidade**, o que depende, então, de uma organização mais ou menos sensitiva. [...].” ⁽⁶⁰⁾

c) O Livro dos Médiuns

1. **“Toda pessoa que sente a influência dos Espíritos**, em qualquer grau de intensidade, é médium. Essa faculdade é inerente ao homem. Por isso mesmo não constitui privilégio e são raras as pessoas que não a possuem pelo menos em estado rudimentar. [...].” (Item 159 resumido, pois foi transcrito no início) ⁽⁶¹⁾

2. **“Todos os que recebem**, no seu estado normal ou de êxtase, **comunicações mentais** estranhas às suas ideias, sem serem, como estas, preconcebidas, **podem ser considerados médiuns inspirados**. Trata-se de uma variedade intuitiva, com a diferença de que a intervenção de uma potência oculta é bem menos sensível, sendo mais de distinguir no inspirado o pensamento próprio do que foi sugerido. O que caracteriza este último é sobretudo a espontaneidade.

Recebemos a inspiração dos Espíritos que nos influenciam para o bem ou para o mal. [...] Aplica-se a

todas as circunstâncias da vida, nas resoluções que devemos tomar. **Nesse sentido pode-se dizer que todos são médiuns, pois não há quem não tenha os seus Espíritos protetores e familiares, que tudo fazem para transmitir bons pensamentos aos seus protegidos. [...].”** ⁽⁶²⁾

3. **“Todos os homens são médiuns. Todos têm um Espírito que os dirige para o bem, quando eles sabem escutá-lo. Quer alguns se comuniquem diretamente com ele, graças a uma mediunidade especial, quer outros só o escutem pela voz interna do coração e da mente.** Isso pouco importa, pois é sempre o mesmo Espírito familiar que os acompanha. Chamai-o Espírito, razão, inteligência, será sempre uma voz que responde à vossa alma, dizendo-vos boas palavras. Acontece, porém, que nem sempre as compreendeis. [...] **Ouvi pois essa voz interior, esse bom gênio que vos fala sem cessar, e chegareis progressivamente a ouvir o vosso anjo guardião que vos estende a mão do alto do céu. Repito, a voz íntima que fala ao coração é a dos Espíritos bons. E é desse ponto de vista que todos os homens são médiuns.”** – Por Channing ⁽⁶³⁾

d) Revista Espírita

1. **“Todo indivíduo que, de uma maneira ou de outra, sofre a influência dos Espíritos, é, por isto mesmo, médium, razão por que se pode dizer que todo o mundo é médium. [...]”** ⁽⁶⁴⁾

2. **“A mediunidade é uma faculdade inerente à natureza do homem; não é nenhuma exceção nem um favor, ela faz parte do grande conjunto humano, [...]”**
– Por Georges ⁽⁶⁵⁾

3. **“[...] a penetração e a transmissão do pensamento, são também efeitos que se prendem à mesma causa e constitui uma espécie de mediunidade, que se pode dizer universal, porque todos dela possuem pelo menos os rudimentos; mas para sentir-lhe os efeitos marcantes, é preciso uma aptidão especial, ou melhor um grau de sensibilidade que é mais ou menos desenvolvido segundo os indivíduos. A esse título, como dissemos há muito tempo, todo o mundo é médium, e Deus não deserdou ninguém da preciosa vantagem de receber salutares eflúvios do mundo espiritual, que se traduzem de mil maneiras diferentes; mas as variedades que existem no organismo humano não permitem a todo mundo obter efeitos idênticos e ostensivos.”**
⁽⁶⁶⁾

4. **“[...] seria erro crer que o sentido**

espiritual não exista senão em estado rudimentar. Como os outros sentidos, é mais ou menos desenvolvido, mais ou menos sutil conforme os indivíduos, mas **todo o mundo o possui**, [...].” (67)

5. “[...] uma nova prova da assistência dos Espíritos pela inspiração das palavras que se devem pronunciar, em circunstâncias em que se estaria muito embaraçado para falar se se estivesse entregue às próprias forças. **É, talvez, um dos gêneros de mediunidade mais comum, e que vem confirmar o princípio de que todo mundo é mais ou menos médium sem o suspeitar.** [...].” (68)

6. “Sob suas formas variadas ao infinito, **a mediunidade abarca a Humanidade inteira**, como uma rede à qual ninguém pode escapar. Cada um, estando em contato diário, saiba-o ou não, queira-o ou se revolte, com inteligências livres, **não há um homem que possa dizer: Não fui, não sou ou não serei médium. Sob a forma intuitiva, modo de comunicação ao qual vulgarmente se deu o nome de voz da consciência, cada um está em relação com várias influências espirituais**, que aconselham num ou noutro sentido e, muitas vezes, simultaneamente, o bem puro, absoluto; [...].” – Por Halévy (69)

e) Autores clássicos

1 – Léon Denis:

Somos todos médiuns, é verdade, mas em graus bem diferentes. Muitos o são e o ignoram. Não há homens sobre os quais a influência, boa ou má, dos espíritos, não ajam. Vivemos no meio de uma multidão invisível que assiste, silenciosa, atenta, aos detalhes da nossa existência, **participa pelo pensamento dos nossos trabalhos, das nossas alegrias, das nossas dores.** [...]. ⁽⁷⁰⁾

2 – Gabriel Delanne:

“Todos somos, mais ou menos, médiuns intuitivos. Quem já não sentiu, na calma profunda de uma bela noite, essas influências misteriosas e benfazejas que confortam o coração? **Donde vêm esses pensamentos tão doces,** esses sonhos encantadores, essas aspirações para o ideal que experimentamos em certas épocas da vida? **Eles nos são inspirados pelos entes amados que nos rodeiam,** que nos cercam com sua solicitude, e que se sentem felizes quando nos veem seguir os conselhos que nos insinuam.” ⁽⁷¹⁾

Entre os que negam a mediunidade como faculdade inerente a todo ser humano, ainda não vimos nenhum deles argumentar contra todas essas

transcrições acima, que deixam, de forma clara e reiterada, que todos nós somos médiuns, quando o termo é tomado em seu sentido amplo.

O fato de Allan Kardec ter dito “*os que não têm mediunidade*” e “*sem ser médium*” é frequentemente utilizado como base para afirmar que nem todos são médiuns. Entretanto, essas expressões se referem ao médium ostensivo – e, nesse caso, é verdade: nem todos somos.

Ao tratar da inspiração das palavras que recebemos em determinadas circunstâncias, ele afirma que esse fenômeno é talvez “*um dos gêneros de mediunidade mais comum*” e que vem “*confirmar o princípio de tudo mundo é mais ou menos médium **sem o suspeitar***”. Portanto, não está apenas dizendo que todos estamos sujeitos à influência dos Espíritos, mas relacionando essa influência a um **gênero de mediunidade** que pode ocorrer sem que a própria pessoa suspeite de sua condição mediúnica.

É importante observar que o Codificador não diz “*sem sentir*”, mas “***sem o suspeitar***”. As duas

expressões não são equivalentes. “*Não sentir*” poderia significar não perceber a influência; “*não suspeitar*” significa não ter consciência ou conhecimento de que aquilo que ocorre corresponde a uma manifestação mediúnica. Assim, não nos parece correto transformar a percepção consciente da influência espiritual em requisito para que alguém seja considerado médium.

Essa afirmação se torna ainda mais significativa quando considerada em conjunto com outra observação do próprio Allan Kardec, na qual ele trata da chamada mediunidade mental. Segundo ele, muitas pessoas, em estado de vigília, sofrem a influência dos Espíritos e recebem a inspiração de um pensamento que “sentem não ser o seu”. Embora nesse caso exista uma percepção da origem estranha do pensamento, a manifestação não é ostensiva. O Codificador chega a dizer que essa forma de mediunidade deve ser uma das mais frequentes.

Temos, portanto, dois aspectos que não devem ser confundidos: **perceber uma influência espiritual e saber que essa percepção constitui**

uma manifestação mediúnica. A pessoa pode receber uma inspiração, uma intuição ou outra influência espiritual sem identificar o fenômeno como mediunidade. É justamente nesse sentido que Allan Kardec afirma que todos são *“mais ou menos médiums sem o suspeitar”*.

A ideia não aparece isoladamente. Logo adiante, encontramos outra afirmação ainda mais abrangente: a mediunidade *“abarca a humanidade inteira”*, e cada um está diariamente em contato com inteligências livres, **“saiba-o ou não”**. Na forma intuitiva, esse contato é apresentado como aquilo que vulgarmente chamamos de “voz da consciência”.

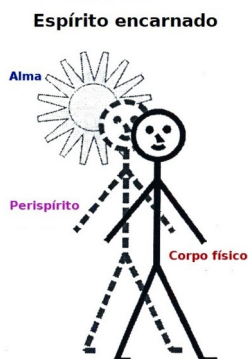
Portanto, a falta de conhecimento acerca do fenômeno não constitui impedimento para que ele ocorra. O indivíduo pode estar em contato com influências espirituais **sem saber que o está**, assim como pode possuir a faculdade mediúnica sem reconhecer em si a condição de médium.

Em ***O Livro dos Médiums***, 1ª parte, capítulo “IV – Sistemas”, o item 51 é uma explicação do

Espírito Lamennais, sobre o perispírito, da qual destacamos o seguinte trecho:

[...] **O perispírito**, para nós outros Espíritos errantes, **é o agente por meio do qual nos comunicamos convosco**, quer indiretamente, pelo vosso corpo ou pelo vosso perispírito, quer diretamente, pela vossa alma. Daí, a infinita variedade de médiuns e de comunicações. ⁽⁷²⁾

Tivemos a ideia de elaborar a imagem a seguir para expressar nosso entendimento – sem, contudo, encerrar a questão, já que reconhecemos a possibilidade de estarmos equivocados:



"[...] O perispírito, para nós outros Espíritos errantes, é o agente por meio do qual nos comunicamos convosco, quer indiretamente, pelo vosso **corpo** ou pelo vosso **perispírito**, quer diretamente, pela vossa **alma**. Daí, a infinita variedade de médiuns e de comunicações."

(LAMENNAIS)

Alma: mediunidade ampla

Perispírito: mediunidade ostensiva

Corpo Físico: mediunidade incorporação

Na resposta à questão 577 de **O Livro dos**

Espíritos, encontraremos um detalhe importante. Vejamos:

577. Quando um homem faz uma coisa útil, age sempre em virtude de missão anteriormente predestinada, ou pode ter recebido uma missão não prevista?

“Nem tudo que o homem faz resulta de missão predestinada. Muitas vezes ele é o instrumento de que se serve um Espírito para fazer que se execute uma coisa que considera útil. Por exemplo, **um Espírito julga que seria bom escrever um livro**, que ele próprio escreveria se estivesse encarnado. **Procura, então, o escritor mais apto a compreender e executar o seu pensamento, transmite-lhe a ideia do livro e o dirige na execução.** Assim, esse homem não veio à Terra com a missão de fazer tal obra. **Dá-se o mesmo com certos trabalhos artísticos ou com as descobertas.** Deve-se dizer ainda que **durante o sono corpóreo o Espírito encarnado se comunica diretamente com o Espírito errante, e que os dois se entendem acerca da execução do trabalho.**” ⁽⁷³⁾ (itálico do original)

Trata-se, portanto, de uma possibilidade que, segundo a explicação espírita, pode ocorrer em

nossas vidas, muitas vezes que que percebamos a influência espiritual.

No entanto, nem sempre percebemos a influência espiritual que nos impulsiona a agir conforme as sugestões de Espíritos desencarnados, que, em determinadas circunstâncias, estabelecem conosco uma sintonia.

Em **O Livro dos Médiuns**, capítulo “XV – Médiuns escreventes ou psicógrafos”, no tópico “Médiuns inspirados”, item 183, encontramos informações bem interessantes:

Todos os homens de gênio, artistas, sábios, literatos, são sem dúvida Espíritos adiantados, capazes de conceber grandes coisas e trazê-las em si mesmos. Ora, é precisamente por julgá-los capazes que **os Espíritos, quando querem realizar certos trabalhos, lhes sugerem as ideias necessárias. E é assim que eles são, na maioria das vezes, médiuns sem o saberem.** Eles têm, não obstante, **uma vaga intuição de serem assistidos**, pois aquele que apela à inspiração faz uma evocação. Se não esperasse ser ouvido, porque haveria de clamar com tanta frequência: Meu bom gênio, venha ajudar-

me!

As respostas seguintes confirmam esta asserção:

- Qual a causa primeira da inspiração?

- **A comunicação mental do Espírito.**

- A inspiração não se destina apenas a grandes revelações?

- Não. Ela se relaciona quase **sempre com as mais comuns circunstâncias da vida**. Por exemplo: queres ir a algum lugar e uma voz secreta te diz que não, porque corres perigo; ou ainda essa voz te sugere fazer uma coisa em que não pensavas. Isso é inspiração, **bem poucas pessoas que não tenham sido inspiradas em diversas ocasiões.**

- **Um escritor, um pintor, um músico, por exemplo, nos momentos de inspiração poderiam ser considerados médiuns?**

- **Sim**, pois nesses momentos têm a alma mais livre e como separada da matéria, que então recobra em parte as suas faculdades de Espírito e **recebe mais facilmente as comunicações dos Espíritos que a inspiram [...].** (74)

Na **Revista Espírita 1861**, mês de maio, no artigo “Questões e problemas diversos”,

encontramos a seguinte explicação do Espírito Tertuliano:

P. Os magos, os sábios, os grandes filósofos e os profetas antigos, não eram médiuns? – R. Evidentemente, sim; o laço que os unia às **inteligências superiores agia sobre eles, e lhes inspirava nobres pensamentos,** sem falar de sua superioridade própria, que lhes permitia emitir apreciações mais exatas; eles comunicavam aos Espíritos encarnados ideias que pareciam profecias, porque as profecias não são senão comunicações vindas de grandes Espíritos; e, como aqueles possuem uma parte dos atributos divinos, as ideias anunciadas tinham um caráter de adivinhação, e forçosamente se realizaram nos tempos e nas épocas indicadas. ⁽⁷⁵⁾

Percebe-se que muitas pessoas escrevem ou dizem coisas inspiradas pelos Espíritos, sem sequer suspeitarem disso, acreditando que tudo o que produzem são provém exclusivamente de suas próprias ideias.

Não raro vemos um compositor dizendo ter sido inspirado em determinada composição musical –

letra ou música –, comprovando exatamente isso que Allan Kardec disse.

Como exemplo, de pessoas que atribuem a inspiração de suas composições a uma fonte exterior, citamos estes dois renomados cantores e compositores:

1º) **Eduardo Costa**, que em relação à música “*Cuidado*”, afirmou que a letra “*foi composta em cerca de 8 minutos apenas e que ele recebeu uma mensagem divina para escrever a letra*” ⁽⁷⁶⁾;

2º) **Almir Sater** disse que a canção “*Tocando em Frente*”, feita em parceria com Renato Teixeira, seria uma psicografia, porquanto a letra e melodia lhes apareceram em dois minutos ⁽⁷⁷⁾.

Os dois relatos são particularmente interessantes para nossa análise. Eduardo Costa afirma ter recebido a música como uma “mensagem divina”, enquanto Almir Sater declara que a composição da canção lhe veio como uma espécie de psicografia. Temos, portanto, relatos de compositores que atribuem a uma fonte espiritual ou transcendente a origem daquilo que receberam. Isso

guarda estreita relação com o que Allan Kardec denomina de mediunidade de inspiração, na qual os Espíritos podem sugerir ideias relativas tanto aos atos ordinários da vida quando aos grandes trabalhos de inteligência.

Naturalmente, estamos tomando aqui os relatos segundo aquilo que seus próprios autores afirmam, sem pretender transformá-los, por si sós, em comprovação da origem espiritual das composições.

Em seu site **Espitirinhas**, o notável ilustrador Wilton Pontes, publicou esta imagem que retrata inúmeros casos semelhantes (⁷⁸):



Na **Revista Espírita 1865**, mês de março, em “Necrológio”, o Codificador noticia a respeito da Sra. Viúva Foulon, hábil miniaturista. Registra-se também diálogos estabelecidos com seu Espírito nos dias 06 e 08 de fevereiro. Vejamos o seguinte trecho da sua observação sobre o fenômeno:

O segundo ponto é a confirmação desta verdade: **depois da morte estamos menos separados dos seres que nos são caros do que durante a vida.** Há alguns dias apenas a Sra. Foulon, retida pela idade e pela enfermidade numa pequena cidade do sul, não tinha a seu lado senão uma parte da família. Como a maioria dos filhos e dos amigos estava longe, obstáculos materiais se opunham a que os pudesse ver tão frequentemente quanto uns e outros o teriam desejado. O grande afastamento tornava mesmo a correspondência rara e difícil para alguns. **Tão logo desembaraçada de seu pesado envoltório vai ao encontro de cada um e, sem afadigar-se, transpõe distâncias com a rapidez da eletricidade, os vê, assiste às suas reuniões íntimas, envolve-os com a sua proteção e pode, através da mediunidade, entreter-se com eles a cada instante, como quando viva.** E dizer que a este pensamento consolador há

gente que prefira uma separação indefinida!
(79)

A afirmação de que “*pode, através da mediunidade, entreter-se com eles a cada instante*” sugere que a mediunidade, em sentido amplo, é uma faculdade acessível a todos. Caso contrário, seria difícil compreender por que Allan Kardec afirma, de maneira tão abrangente, que a Sra. Foulon poderia, por meio dela, comunicar-se com os seus familiares e amigos “*a cada instante*”.

O ver Espíritos em sonhos é uma espécie de mediunidade

Iniciaremos transcrevendo algumas questões de **O Livro dos Espíritos** que mencionam sono ou sonhos:

402. *Como podemos julgar da liberdade do Espírito durante o sono?*

“Pelos sonhos. Sabei que, quando o corpo repousa, **o Espírito tem mais faculdades [...] e pode entrar em comunicação com os outros Espíritos, seja deste mundo, seja do outro.** Dizes frequentemente: **tive um sonho extravagante, um sonho horrível,** mas absolutamente inverossímil. Enganas-te; **quase sempre é a lembrança dos lugares e das coisas que viste** ou que verás em outra existência ou em outra ocasião. [...].

[...].

O sono liberta parcialmente a alma do corpo. [...] Os Espíritos [...] quando dormem, vão para junto dos seres que lhes são superiores: viajam, conversam e se instruem com eles; **trabalham mesmo em**

obras que encontrarão prontas ao morrerem. [...].

[...] a massa dos homens [...] vão, enquanto dormem, ou a mundos inferiores à Terra, onde os chamam velhas afeições, ou em busca de prazeres talvez ainda mais baixos do que os que têm aqui; vão beber doutrinas ainda mais vis, mais ignóbeis, mais nocivas do que as que professam entre vós. [...].

Por efeito do sono, os Espíritos encarnados estão sempre em relação com o mundo dos Espíritos; é isso que faz com que os Espíritos superiores consentam, sem muita repulsa, em encarnar entre vós. [...] **O sono é a porta que Deus lhes abriu para entrarem em contato com seus amigos do Céu;** é o recreio depois do trabalho, enquanto esperam a grande libertação, a libertação final que os restituirá ao meio que lhes é próprio.

O sonho é a lembrança do que o vosso Espírito viu durante o sono. Notai, porém, que [...] nem sempre vos lembrais do que vistes ou de tudo o que vistes. [...] muitas vezes não vos resta mais do que a lembrança da perturbação que acompanha vossa partida ou vosso regresso, à qual se junta a lembrança do que fizestes ou do que vos preocupa no estado de vigília. A não ser assim, como explicaríeis esses sonhos absurdos, a que estão sujeitos tanto os mais

sábios quanto os mais humildes? **Os Espíritos maus também se servem dos sonhos para atormentar as almas fracas e pusilânimes.**

[...].

Procurai distinguir bem essas duas espécies de sonhos, entre aqueles de que vos lembrais; sem isso, cairíeis em contradições e em erros que seriam funestos à vossa fé.”

Na sequência, do comentário de Allan Kardec destacamos o primeiro parágrafo:

Os sonhos são efeito da emancipação da alma, que se torna mais independente pela suspensão da vida ativa e de relação. [...] **Daí também a lembrança que traz à memória acontecimentos verificados na presente existência ou em existências anteriores.** A extravagância das imagens do que se passa ou se passou em mundos desconhecidos, entremeados de coisas do mundo atual, formam esses conjuntos bizarros e confusos, que parecem não ter sentido ou ligação. ⁽⁸⁰⁾ (itálico do original)

471. *Quando experimentamos uma sensação de angústia, de ansiedade indefinível ou satisfação interior sem causa conhecida, isso se deve unicamente a uma disposição física?*

“É quase sempre efeito das

comunicações que, inconscientemente, **tendes com os Espíritos**, ou que tivestes com eles *durante o sono.*" ⁽⁸¹⁾ (itálico do original)

577. *Quando um homem faz uma coisa útil, age sempre em virtude de missão anteriormente predestinada, ou pode ter recebido uma missão não prevista?*

"Nem tudo que o homem faz resulta de missão predestinada. **Muitas vezes ele é o instrumento de que se serve um Espírito** para fazer que se execute uma coisa que considera útil. **Por exemplo, um Espírito julga que seria bom escrever um livro, que ele próprio escreveria se estivesse encarnado. Procura, então, o escritor mais apto a compreender e executar o seu pensamento, transmite-lhe a ideia do livro e o dirige na execução.** Assim, esse homem não veio à Terra com a missão de fazer tal obra. **Dá-se o mesmo com certos trabalhos artísticos ou com as descobertas.** Deve-se dizer ainda que durante o sono corpóreo **o Espírito encarnado se comunica diretamente com o Espírito errante**, e que os dois se entendem acerca da execução do trabalho." ⁽⁸²⁾

A informação de que em sono podemos entrar em contato com "*outros Espíritos, seja deste mundo,*

seja do outro”, nos fez lembrar de uma ocorrência com o próprio Codificador. Encontramo-lo registrado na **Revista Espírita 1859**, mês de fevereiro:

Conhecemos um fato quase análogo.

Enquanto estávamos calmamente deitados em nosso leito, **um de nossos amigos viu-nos diversas vezes em sua casa, embora sob uma aparência não tangível, assentando-nos a seu lado e com ele conversando.** Certa vez nos viu em robe de chambre; em outras, de paletó. **Transcreveu nossa conversa e no-la enviou no dia seguinte. Era, como não poderia deixar de ser, relativa aos nossos trabalhos prediletos.** Querendo fazer uma experiência, ofereceu-nos refrescos. Eis a nossa resposta: “Não tenho necessidade disso, visto não ser o meu corpo que está aqui. Sabeis, assim, que não há necessidade de vos produzir uma ilusão.” . Uma circunstância assaz bizarra apresentou-se nessa ocasião. Seja por predisposição natural, seja como resultado de nossos trabalhos intelectuais, sérios desde a nossa juventude, e poderíamos dizer, desde a infância, o fundo de nosso caráter sempre foi de extrema gravidade, mesmo na idade em que não se pensa senão nos prazeres. **Essa constante preocupação nos dá um semblante de frieza, de muita frieza mesmo. É, pelo**

menos, o que muitas vezes nos têm censurado. Entretanto, sob essa aparência glacial, talvez o Espírito sinta mais vivamente do que no caso de se permitir expansões exteriores. Ora, **em nossas visitas noturnas ao nosso amigo, ele ficou bastante surpreendido por nos ver completamente diferente: estávamos mais abertos, mais comunicativos, quase alegres.** Tudo em nós respirava a satisfação e a calma proporcionada pelo bem-estar. Não estará aí um efeito do Espírito desprendido da matéria? ⁽⁸³⁾

No estado de emancipação da alma provocado pelo sono, Allan Kardec conversava com um amigo sobre seus trabalhos prediletos. O curioso é que nesse momento ele se tornara *“mais aberto, mais comunicativo, quase alegre”*, contrastando com sua *“aparência glacial”* quando no seu normal estado de vigília.

No tópico “Sonhos” do capítulo “XV – Os milagres do Evangelho” de **A Gênese**, Allan Kardec explica:

3. José, diz o Evangelho, foi avisado por

um anjo, que lhe apareceu em sonho e lhe aconselhou que fugisse para o Egito como menino. – (Mateus, 2:19 a 23.)

Os avisos por meio de sonhos desempenham grande papel nos livros sagrados de todas as religiões. Sem garantir a exatidão de todos os fatos narrados, e sem os discutir, **o fenômeno em si mesmo nada tem de anormal**, visto saber-se que **é durante o sono que o Espírito, desprendido dos laços da matéria, entra momentaneamente na vida espiritual, onde se encontra com os que lhe são conhecidos**. É com frequência a **ocasião que os Espíritos protetores aproveitam para se manifestar a seus protegidos e lhes dar conselhos mais diretos**. São numerosos os exemplos autênticos de avisos por sonhos; porém, não se deve concluir daí que todos os sonhos são avisos, nem, ainda menos, que tudo o que se vê em sonho tem uma significação qualquer. Deve-se incluir a arte de interpretar os sonhos no rol das crenças supersticiosas e absurdas. (Cap. XIV, itens 27 e 28.) ⁽⁸⁴⁾

Eis aí um episódio registrado na Bíblia que Allan Kardec utiliza para mostrar que os avisos por meio de sonhos não constituem novidade, pois aparecem registrados até nos livros sagrados.

De **O Livro dos Médiuns**, Segunda Parte, capítulo “XIV – Os médiuns”, item 167, que trata dos médiuns videntes, destacamos o seguinte trecho:

[...] **A possibilidade de ver os Espíritos em sonho é também uma espécie de mediunidade**, mas não constitui propriamente a mediunidade de vidência. [...]. ⁽⁸⁵⁾

Ao que foi dito, acrescentaremos estas informações do capítulo “VI – Manifestações visuais”, itens 100 e 101, respectivamente:

a) Do item 100:

27. Todos são aptos a ver os Espíritos?

– **Durante o sono, todos.** Mas não quando estão acordados. No sono, a alma vê diretamente; quando estais acordados ela sofre em maior ou menor grau a influência dos órgãos. Eis porque as condições não são as mesmas nos dois casos.

29. Essa faculdade pode desenvolver-se pelo exercício?

– **Pode, como todas as outras faculdades.** Mas é daquelas cujo

desenvolvimento natural é melhor do que o provocado, quando corremos o risco de superexcitar a imaginação. [...]. ⁽⁸⁶⁾

b) Do item 101:

101. As manifestações mais comuns de aparições ocorrem durante o sono, pelos sonhos: são as visões. Não podemos examinar aqui todas as particularidades que os sonhos podem apresentar.

Resumiremos dizendo que eles podem ser: **uma visão atual** de coisas presentes ou distantes; **uma visão retrospectiva do passado**; e, em alguns casos excepcionais, **um pressentimento do futuro**. Frequentemente **são também quadros alegóricos que os Espíritos nos apresentam como úteis advertências ou salutareis conselhos**, quando são Espíritos bons; ou para nos enganarem e entreterem as nossas paixões, se são Espíritos imperfeitos. [...]. ⁽⁸⁷⁾

Nada na passagem indica que essa “*espécie de mediunidade*” seja exclusiva dos médiuns em sentido restrito. Ao contrário, Allan Kardec afirma que, durante o sono, todos são aptos a ver os Espíritos.

Ademais, se é uma faculdade que pode se desenvolver, mais um bom argumento para considerá-la como universal.

Acrescenta ainda que frequentemente são também quadros alegóricos que os Espíritos nos apresentam sejam eles bons ou maus. Os primeiros nos dão úteis advertências ou salutares conselhos, visando a nossa elevação moral, enquanto os outros o fazem com o objetivo de nos enganarem e entreterem as nossas paixões.

Na **Revista Espírita 1865**, mês de julho, no artigo “Teoria dos sonhos”, Allan Kardec apresenta uma classificação dos sonhos. Por oportuno, vejamos o que disse:

Pode-se, acrescenta ele, **dividir os sonhos em três categorias**, caracterizadas pelo grau da lembrança que resta no estado de desprendimento no qual se acha o Espírito. São:

1º - Os sonhos provocados pela ação da matéria e dos sentidos sobre o Espírito, isto é, aqueles em que o organismo representa um papel preponderante pela união mais íntima entre o corpo e o Espírito.

Deles nos lembramos claramente e, por pouco desenvolvida que seja a memória, conservamos uma impressão durável.

2º - **Os sonhos que podem ser chamados mistos.** Participam ao mesmo tempo da matéria e do Espírito. O desprendimento é mais completo. Deles nos lembramos ao acordar, para os esquecer quase que instantaneamente, a menos que alguma particularidade venha despertar a sua lembrança.

3º - **Os sonhos etéreos ou puramente espirituais.** São produzidos apenas pelo Espírito, que está desprendido da matéria, tanto quanto o pode estar durante a vida do corpo. Deles não nos recordamos; ou, se restasse uma vaga lembrança do que sonhamos, nenhuma circunstância poderia trazer à memória os incidentes do sono. ⁽⁸⁸⁾
(itálico do original)

É nos sonhos etéreos ou puramente espirituais que, a nosso ver, podem ser incluídos alguns casos de comunicações, conversas, conselhos ocorridos durante o sono.

Não poderemos deixar de mencionar também os casos em que escritores, compositores, músicos e artistas diversos, ao acordar de manhã lembram-se

de alguma ideia que devem, por qualquer meio, registrá-la imediatamente, para não a esquecer. Certamente que essa ideia pode provir de encontros com Espíritos, que lhes passam informações ou lhes mostram determinado caminho para chegarem a um objetivo ligado à sua profissão.

No site [Correios.news](https://www.correios.news), deparamos com uma reportagem da Redação, intitulada “A música dos Beatles inspirada em um sonho”, datada de 06 de dezembro de 2021 ⁽⁸⁹⁾, que relata a afirmação do cantor Paul McCartney de que foi inspirado em um sonho a compor a música *Yesterday*. Nesta imagem, temos o início da reportagem:



começou a tocá-la para não esquecer.

Paul McCartney, um dos maiores nomes da história do rock, compôs a melodia completa da música *Yesterday* em um sonho, enquanto estava na casa de sua noiva, Jane Asher, em Londres.

Gravada em 1965 para o álbum *Help!*, *Yesterday* hoje é considerada, segundo o Guinness, a canção com mais transmissões nas rádios em todo o mundo.

Ao despertar, o vocalista e guitarrista da banda The Beatles foi rapidamente até o piano e, ligando o gravador,

Considerando que, durante o sono, a alma se emancipa parcialmente do corpo e pode estabelecer relações com outros Espíritos – inclusive com os de pessoas encarnadas –, não poderíamos considerar que acontecimentos dessa natureza constituam uma espécie de mediunidade de inspiração?

Outro exemplo de ocorrência correlata encontra-se registrado na seção “Instruções dos Espíritos”, na mensagem de Jacquard, publicada na ***Revista Espírita 1864***:

Meu Espírito vivia em contínua tensão; **eu dormia para achar, ao despertar, um novo plano**; em vez de imagens e sentimentos, meu pensamento era uma engrenagem, um cilindro, molas, polias, alavancas; em meus sonhos aparecia-me o meu anjo-da-guarda, que punha em movimento todas as minhas inspirações, todas as obras das mãos do homem. Haviam dito com razão: “Os mecânicos são os poetas da matéria.” **As mais belas máquinas saíram prontas e acabadas do cérebro de um operário; as noções de mecânica que ele não possui, criou-as de novo**; a paciência e a imaginação são os seus únicos recursos. **Na verdade é uma inspiração dos Espíritos bons,**

desprezada pelas academias ou cientistas de profissão; mas não é menos certo que se Arquimedes e Vaucanson são os gênios da mecânica, os Virgílios, se quiserdes, não passam dessa paciência, aliada a uma viva imaginação, que cria todas as descobertas com que se honra a Humanidade; e isto por quem? Por monges, ceramistas, cardadores de lã, pastores, marinheiros, um operário da seda, um ferreiro ignorante. ⁽⁹⁰⁾

Esse relato sugere que algumas invenções podem, segundo o relato, resultar de conversas e orientações recebidas durante o sono. Nossa impressão é que Espíritos superiores, preocupados com o desenvolvimento tecnológico e moral dos habitantes da Terra, podem auxiliar-nos nesse momento em que suas almas se encontram emancipadas.

Na **Revista Espírita 1866**, mês de abril, foi publicado o artigo intitulado “Revelação” ⁽⁹¹⁾, do qual transcrevemos o seguinte parágrafo:

As comunicações deste gênero nada têm de estranho para quem conhece os fenômenos espíritas e a maneira pela qual

se estabelecem as relações entre os encarnados e os desencarnados. **As instruções podem ser transmitidas por diversos meios:** pela simples inspiração, pela audição da palavra, pela visibilidade dos Espíritos instrutores, **nas visões e aparições, quer em sonho, quer em estado de vigília**, do que há muitos exemplos na Bíblia, no Evangelho e nos livros sagrados de todos os povos. ⁽⁹²⁾

Na **Revista Espírita 1868**, mês de fevereiro, temos publicado o artigo “Extrato dos manuscritos de um jovem médium bretão – Os alucinados, os inspirados, os fluídicos e os sonâmbulos”, tópico “Os inspirados”:

O trabalho do homem jamais será tornado inútil pela inspiração. **O Espírito que no-lo vem trazer** respeitará sempre esta parte reservada ao indivíduo; ele a respeitará como uma coisa nobre e santa, pois o trabalho põe o homem na posse das faculdades que Deus depositou em germe em sua alma, a fim de que o objetivo de sua vida fosse de as fecundar. É por seu desenvolvimento que bem aprendeu a conhecer-se, e que mereceu aproximar-se dele.

A inspiração vem indiferentemente

de dia, de noite, em vigília e durante o sono. Apenas exige recolhimento. É-lhe preciso encontrar naturezas que possam abstrair-se de toda preocupação do mundo real, para **dar lugar livre e vago ao ser que vier envolvê-lo todo e lhe infundir seus pensamentos.**

Nas horas de inspiração, o homem se torna muito mais acessível a todos os ruídos exteriores, e tudo o que vem do mundo real o perturba. Não mais está neste mundo, está num meio transitório, entre este e o outro, **visto estar, de certo modo, impregnado da pessoa moral e intelectual de um ser elevado a uma outra esfera** e que, no entanto, seu corpo se prende a este.

Embora se dirija a todos, a inspiração descerá mais especialmente sobre as naturezas doentias ou consumidas por uma sucessão de sofrimentos, materiais ou morais. Já que é um benefício, não é justo que os que sofrem sejam mais facilmente aptos a recebê-la? ⁽⁹³⁾

Portanto, temos aí, nessas duas transcrições, elementos que confirmam que determinadas visões e aparições em sonho podem constituir comunicações, pelas quais podemos receber instruções ou revelações dos Espíritos.

A comunicação telepática entre os vivos e entre estes e “os mortos”.

Caso resolvamos pesquisar nas obras da Codificação Espírita, certamente não encontraremos a palavra “telepatia”, embora tenhamos nelas a ideia que correspondem ao fenômeno hoje designado por esse termo. Isso é natural, pois a palavra “telepatia” somente foi criada posteriormente, em 1882 por Frederic W. H. Myers (1843-1901) e seus colegas da SPR ⁽⁹⁴⁾ ⁽⁹⁵⁾, Allan Kardec, portanto, empregou outras expressões para se referir a fenômenos dessa natureza, entre elas “*telegrafia humana*” e “*transmissão de pensamento*”.

Por oportuno, recorrendo ao “Vocabulário Espírita” de **Instruções Práticas sobre as Manifestações Espíritas** vamos nos deparar com a seguinte definição:

Telegrafia humana - comunicação à distância entre duas pessoas vivas, que se

evocam reciprocamente. Esta evocação provoca a emancipação da alma, ou do Espírito encarnado, que vem se manifestar e **pode comunicar seu pensamento pela escrita ou por outro qualquer meio.** [...].
(⁹⁶)

Na definição Allan Kardec restringiu a telegrafia humana somente às comunicações à distância entre pessoas vivas. Porém, pelo que lemos no *Houaiss*, acreditamos que também podemos considerar as comunicações entre os vivos e “os mortos”.

Se entre os tipos de comunicação com os Espíritos temos a transmissão de pensamento, ora, essa não deixa de ser o que designamos de telepatia.

Na **Revista Espírita 1858**, mês de fevereiro, foi publicado o artigo “Diferentes modos de Comunicação”, do qual transcrevemos os seguintes parágrafos:

O terceiro modo de comunicação é a palavra. Certas pessoas sofrem nos órgãos vocais a influência de um poder oculto que se faz sentir na mão daqueles que

escrevem. Transmitem, pela palavra, o que outras transmitem pela escrita.

As comunicações verbais, como as escritas, ocorrem algumas vezes sem intermediário corpóreo. Palavras e frases podem ressoar aos nossos ouvidos ou em nosso cérebro, sem causa física aparente. Os Espíritos podem, igualmente, aparecer-nos em sonho ou em estado de vigília, e dirigir-nos a palavra para nos dar avisos ou instruções. ⁽⁹⁷⁾

Julgamos que esse “*ressoar aos nossos ouvidos ou em nosso cérebro*” pode ser compreendido como uma manifestação de transmissão de pensamento, fenômeno que, como já dissemos, corresponde ao que hoje denominamos de telepatia.

O artigo “Mediunidade Mental”, publicado na ***Revista Espírita 1866***, mês de março, inicia com o seguinte relato:

Um dos nossos correspondentes nos escreve de Milianah (Argélia):

“...A propósito do desprendimento do Espírito, que se opera em todo o mundo durante o sono, **meu guia espiritual me exercita em vigília.** Enquanto o corpo está

entorpecido, o Espírito se transporta para longe, visita as pessoas e os locais que aprecia, e a seguir volta sem esforço. O que me parece mais surpreendente é que, enquanto estou como em catalepsia, tenho consciência desse desprendimento. **Exercito-me também no recolhimento, o que me proporciona a agradável visita de Espíritos simpáticos, encarnados e desencarnados.** Este último estudo só ocorre durante a noite, cerca de duas ou três horas e quando o corpo, repousado, desperta. Fico alguns instantes à espera, como depois de uma evocação. Então sinto a presença do Espírito por uma impressão física e logo surge em meu pensamento uma imagem que me faz reconhecê-lo. **Estabelece-se um diálogo mental**, como na comunicação intuitiva, e esse gênero de conversa tem algo de adoravelmente íntimo. **Muitas vezes meu irmão e minha irmã encarnados me visitam, às vezes acompanhados por meu pai e minha mãe, do mundo dos Espíritos.**

“Há poucos dias tive a vossa visita, caro mestre, e pela doçura do fluido que me penetrava, eu julgava que fosse um dos nossos bons protetores celestes. Imaginai a minha alegria ao reconhecer em meu pensamento, ou, antes, em meu cérebro, como o próprio timbre de vossa voz. Lamennais nos deu uma comunicação a

esse respeito e deve encorajar os meus esforços. Eu não vos poderia dizer do encanto que dá esse gênero de mediunidade. Se tiverdes junto a vós alguns médiuns intuitivos, habituados ao recolhimento e à tensão de espírito, eles podem ensaiar também. Evoca-se e, em vez de escrever, **conversa-se, exprimindo bem as ideias, sem verborragia.**

“Muitas vezes **meu guia me fez a observação de que eu tinha um Espírito sofredor, um amigo que vem instruir-se ou buscar consolações.** Sim, o Espiritismo é um benefício inapreciável; abre vasto campo à caridade, e aquele que está inspirado de bons sentimentos, se não pode vir em socorro de seu irmão materialmente, sempre o pode espiritualmente.” ⁽⁹⁸⁾

Na narrativa do argelino correspondente do Codificador, percebe-se que ele, em estado de vigília, consegue conversar pelo pensamento, ou como diz, estabelece *“um diálogo mental”* com Espíritos, sejam de vivos ou mortos.

Vejamos este trecho do comentário de Allan Kardec, sobre o caso:

Esta mediunidade, à qual damos o

nome de mediunidade mental, por certo não é própria para convencer os incrédulos, porque **nada tem de ostensiva**, nem desses efeitos que chocam os sentidos; é toda para a satisfação íntima de quem a possui. Mas também é preciso reconhecer que ela se presta muito à ilusão e que é o caso de desconfiar das aparências. **Quanto à existência da faculdade, não se poderia pô-la em dúvida**; pensamos mesmo que deve ser a mais frequente, porque é considerável o número das pessoas que, em estado de vigília, **sofrem a influência dos Espíritos e recebem a inspiração de um pensamento**, que sentem não ser o seu. A impressão agradável ou penosa que por vezes se sente à vista de alguém que se vê pela primeira vez; o pressentimento que se tem da aproximação de uma pessoa; **a penetração e a transmissão do pensamento são outros tantos efeitos que se prendem à mesma causa e constituem uma espécie de mediunidade, que se pode dizer universal**, pois cada um lhe possui, ao menos, os rudimentos. Mas **para experimentar seus efeitos marcantes é necessário uma aptidão especial** ou, melhor, um grau de sensibilidade mais ou menos desenvolvido conforme os indivíduos. A esse título, **como temos dito desde longo tempo, todos são médiuns, e Deus não deserdou ninguém** da preciosa vantagem de receber os salutareflúvios

do mundo espiritual, que se traduzem de mil maneiras diferentes. **Mas as variedades que existem no organismo humano não permitem a todo o mundo obter efeitos idênticos e ostensivos.** ⁽⁹⁹⁾ (itálico do original)

A respeito desse tema, vários Espíritos deram instruções, entre eles São Luís, de cuja mensagem transcrevemos:

Já vos foi dito que a **mediunidade** se revelaria por diferentes formas. **Esta que o vosso Presidente qualificou de *mental* está bem designada.** [...].

O médium falante entra em comunicação com os Espíritos que o assistem; fala com eles; seu espírito os vê, ou melhor, os adivinha; apenas não faz senão transmitir o que lhe dizem, ao passo que **o médium mental pode**, se for bem formado, **dirigir perguntas e receber repostas**, sem intermédio da pena ou do lápis, **mais facilmente que o médium intuitivo, pois aqui o Espírito do médium, estando mais desprendido, é um intérprete mais fiel.** Mas para isto é necessário um ardente desejo de ser útil, trabalhar em vista do bem com um sentimento puro de todo pensamento de amor-próprio e de

interesse. **De todas as faculdades mediúnicas, é a mais sutil e a mais delicada:** basta o menor sopro impuro para a manchar. Só nestas condições é que o médium mental obterá provas da realidade das comunicações. Em pouco vereis surgir entre vós médiuns falantes que vos surpreenderão por sua eloquência e por sua lógica. ⁽¹⁰⁰⁾

O Codificador disse que a mediunidade mental é *“uma espécie de mediunidade, que se pode dizer universal”*, razão pela qual diz *“como temos dito desde longo tempo, todos são médiuns, e Deus não deserdou ninguém”*. A afirmação de São Luís, protetor da Sociedade Espírita de Paris, portanto, está em plena concordância com a explicação apresentada por Allan Kardec.

Do artigo “Sr. Louis Jourdan e o Livro dos Espíritos”, publicado na **Revista Espírita 1861**, mês de abril, destacamos o seguinte trecho dos comentários do Codificador:

[...] Não sendo os Espíritos senão as almas dos homens, despojadas do grosseiro envoltório do corpo, há Espíritos desde que

houve homens no Universo (não dizemos na Terra); esses Espíritos constituem o mundo invisível que povoa os espaços, que nos cerca e em meio ao qual vivemos sem o suspeitar, como igualmente vivemos, sem o perceber, em meio ao mundo microscópico. **Em todos os tempos esses Espíritos têm exercido sua influência sobre o mundo visível;** em todos os tempos os que são bons e sábios têm auxiliado o gênio por inspirações, enquanto outros se limitam a nos guiar nos atos ordinários da vida; mas **essas inspirações, que ocorrem pela transmissão de pensamento a pensamento, são ocultas e não podem deixar nenhum traço material.** Se o Espírito quiser manifestar-se de maneira ostensiva, é preciso que atue sobre a matéria; se quer que o seu ensino, ao invés de expressar a confusão e a incerteza do pensamento, tenha precisão e estabilidade, não dispensa sinais materiais e, para isso – que nos permitam a expressão – serve-se de tudo quanto lhe cai à mão, desde que seja nas condições apropriadas à sua natureza. Utiliza uma pena ou lápis, se quer escrever, um objeto qualquer, mesa ou caçarola, se quer bater, sem que por isso seja humilhado. Haverá algo mais vulgar que uma pena de ganso? [...] Ora, como os Espíritos não podem segurar a pena sem intermediário, **fazem-na sustentar por alguém que se chama um médium,** que inspiram e dirigem. Algumas vezes **esse**

médium age com conhecimento de causa: é o médium propriamente dito; outras vezes atua de maneira inconsciente da causa que o solicita: é o caso de todos os homens inspirados que, assim, são médiuns sem o saber. [...]. ⁽¹⁰¹⁾

Partindo do segmento “*essas inspirações, que ocorrem pela transmissão de pensamento*”, entendemos que esse tipo de ocorrência corresponde ao que hoje denominamos telepatia.

Através da faculdade mediúnica, o médium consegue captar o pensamento do Espírito que quer se comunicar, que poderá ser transmitido a terceiros por duas vias: pela escrita, temos a psicografia ou pela fala, que designamos de psicofonia. É a partir desses elementos que passamos a considerar a telepatia como uma forma de mediunidade.

No artigo “Comunicação coletiva”, publicado na Revista Espírita 1867, mês de março, Allan Kardec registrou mensagens de 46 Espíritos. Vejamos o interessante questionamento relativo ao fato:

Uma outra pergunta é esta: **No número destes Espíritos não há alguns encarnados neste e em outros mundos** e, neste caso, como podem comunicar-se? Eis a resposta que foi dada:

“Os Espíritos de um certo grau de adiantamento têm uma irradiação que lhes permite comunicar-se simultaneamente em vários pontos. Nalguns, o estado de encarnação não amortece essa radiação de maneira bastante completa para os impedir de se manifestarem, mesmo em vigília. Quanto mais avançado o Espírito, tanto mais fracos são os laços que o unem à matéria do corpo; está num estado de quase constante desprendimento e se pode dizer que está onde está o seu pensamento.”

Um Espírito ⁽¹⁰²⁾

Quando o Codificador fala em “*irradiação*” que permite ao Espírito “*comunicar-se simultaneamente em vários pontos*”, entendemos que, nesse contexto, o significado de irradiação está relacionado à transmissão do pensamento; Por isso, julgamos que o fenômeno descrito pode ser compreendido como uma forma de telepatia.

Na **Revista Espírita 1867**, mês de novembro,

no artigo “Os pressentimentos e os prognósticos”,
lemos:

Ao lado das intuições pessoais do Espírito, há que se colocar as que lhe são sugeridas por outros Espíritos, quer em vigília, quer durante o sono, **pela transmissão de pensamento de alma a alma**. É assim que muitas vezes se é advertido de um perigo, solicitado a tomar tal ou qual direção, sem que por isto o Espírito deixe de ter o seu livre-arbítrio. São conselhos, e não ordens, porque é sempre senhor de sua vontade. ⁽¹⁰³⁾

Disso podemos concluir que todos estamos sujeitos à inspiração dos Espíritos, o que se harmoniza com a concepção de mediunidade em sentido amplo que estamos apresentando.

No texto, também é mencionado o médium intuitivo, que, como vimos, é aquele que escreve o pensamento sugerido pelo Espírito.

Para reforçar o que já dissemos, vamos relembrar algumas transcrições que trazem a ideia da transmissão de pensamento:

[...] em geral se refere às pessoas dotadas de um poder mediatrix muito grande, seja para produzir efeitos físicos, seja **para transmitir o pensamento dos Espíritos pela escrita ou pela palavra.** (104)

[...] Não ignorais que **muitos pensamentos vos ocorrem** ao mesmo tempo sobre o mesmo assunto e, frequentemente, bastante contraditórios. Pois bem! **Neles há sempre um pouco de vós e um pouco de nós,** [...]. (105)

Os Espíritos sedutores se esforçam por nos afastar do caminho do bem, **sugerindo-nos maus pensamentos.** Aproveitam-se de todas as nossas fraquezas, [...]. (106)

Médiuns intuitivos: **aqueles com quem os Espíritos se comunicam pelo pensamento** e cuja mão é conduzida voluntariamente. [...]. (107)

“[...] não há quem não tenha os seus Espíritos protetores e familiares, **que tudo fazem para transmitir bons pensamentos aos seus protegidos.** [...]” (108)

“[...] **a penetração e a transmissão do pensamento,** são também efeitos que se prendem à mesma causa e **constitui uma espécie de mediunidade,** que se pode

dizer universal, [...].” (109)

Essa última passagem, em particular, oferece-nos uma base mais direta para considerar a transmissão de pensamento uma forma de mediunidade, inclusive de caráter universal.

O que entender de “sem ser médium” ou “os que não têm mediunidade”?

Em *O Livro dos Médiuns*, Segunda Parte, capítulo “II – Manifestações físicas. Mesas girantes”, no 1º parágrafo do item 61, temos um exemplo na expressão “*não têm mediunidade*”:

61. Para que o fenômeno se produza, é indispensável a intervenção de uma ou muitas pessoas dotadas de aptidão especial, que se designam pelo nome de médiuns. O número dos cooperadores é indiferente, a não ser que exista entre eles alguns médiuns ignorados. **Quanto aos que não têm mediunidade, sua presença não produz nenhum resultado**, podendo mesmo ser mais prejudicial do que útil, pela disposição de espírito em que muitas vezes se encontram. ⁽¹¹⁰⁾

A aptidão especial mencionada é para a produção de efeitos físicos que, certamente, não é um fenômeno produzido por todo e qualquer médium

ostensivo.

Em relação ao “*quanto aos que não têm mediunidade*”, sem a compreensão de que Allan Kardec classificou a mediunidade em dois sentidos, ter-se-á uma interpretação equivocada, porquanto aqui ele fala dela no sentido restrito, exatamente aquele que não se aplica indistintamente a todos.

Do capítulo “XXV – Evocações” de ***O Livro dos Médiuns***, da Segunda Parte, destacamos a 1ª pergunta do item 282 – Perguntas sobre as evocações:

1. Pode alguém **evocar os Espíritos sem ser médium?**

– Todos podem evocar os Espíritos. Se os evocados não puderem manifestar-se materialmente, nem por isso deixam de se aproximar e ouvir o evocador. ⁽¹¹¹⁾

Entendemos que a expressão “*sem ser médium*” deve ser compreendida, nesse contexto, no sentido de restrito.

Há, aliás, vários outros momentos em que o

Codificador, sugere ou dá a entender que nem todos somos médiuns; entendemos, porém, que, nesses casos, ele emprega o termo no sentido restrito, pois, no sentido amplo, como vimos sobejamente, a firma o contrário.

Aliás, temos percebido uma certa confusão à referência feita a pessoas elétricas. Em **O Livro dos Médiuns**, capítulo “IV – Teoria das manifestações físicas”, tópico “Movimentos e suspensões”, item 74, lemos:

20. As **peessoas ditas elétricas** podem ser consideradas médiuns?

– Essas pessoas tiram de si mesmas o fluido necessário à produção do fenômeno e podem agir sem auxílio dos Espíritos. **Não são propriamente médiuns, no sentido exato da palavra.** Mas pode ser também que um Espírito as assista e aproveite de suas disposições naturais. ⁽¹¹²⁾

No caso das chamadas “pessoas elétricas”, o fenômeno é de natureza anímica, pois resulta de uma propriedade ou faculdade própria do indivíduo, sem a intervenção dos Espíritos. É justamente por

isso que Allan Kardec afirma que essas pessoas “*não são médiuns, no sentido exato da palavra*”. Entendemos que o “*sentido exato*”, empregado por ele corresponde, nesse contexto, ao sentido restrito de médium, isto é, daquele que serve de intermediários aos Espíritos.

Isso não significa, portanto, que essas pessoas estejam excluídas da mediunidade em sentido amplo. O que Allan Kardec está excluindo é a classificação do fenômeno como mediúnico, uma vez que sua causa está no próprio indivíduo. Por outro lado, ele não fecha a questão, pois admite que, em determinadas situações, poderá ocorrer a influência de Espíritos.

Em ***O Livro dos Médiuns***, capítulo “XIV – Os médiuns”, tópico “Médiuns de efeitos físicos”, item 163, temos:

É a esta categoria mediúnica, ao que parece, que deviam pertencer as **pessoas dotadas de uma certa carga de eletricidade natural, verdadeiros torpedos humanos**, produzindo por simples contato todos os efeitos de atração e repulsão.

Seria errôneo, entretanto, considerá-las como médiuns, porque a verdadeira mediunidade supõe a intervenção direta de um Espírito. Ora, as experiências provaram, de conclusiva, que nesse caso a eletricidade é o único agente dos fenômenos. Essa estranha faculdade, que quase se poderia chamar de doença, pode às vezes ligar-se a mediunidade, como se vê no caso do Espírito batedor de Bergzabem, mas na maioria das vezes é completamente independente. Segundo dissemos a única prova da intervenção dos Espíritos é o caráter inteligente das manifestações. Todas as vezes que esse fator não existir é lógico atribuir-se aos fatos a causas puramente físicas. Resta a questão de saber se as pessoas elétricas teriam maior aptidão para se tornarem médiuns de efeitos físicos. [...]. ⁽¹¹³⁾

Mas, ainda, é necessário ver algum caso para se compreender o que seja uma pessoa elétrica.

Na **Revista Espírita 1869**, mês de abril, temos o artigo “A criança elétrica”, do qual destacamos o seguinte trecho:

Eis em duas palavras do que se trata, diz

o Memorial de la Loire:

“Há uns quinze dias nasceu, neste lugarejo, um menino que, desde a sua entrada no mundo, manifestou as mais espantosas virtudes, os sábios diriam as propriedades mais singulares. Apenas batizado, tornou-se impalpável e intangível! Intangível não como a sensitiva, mas **ao modo de uma garrafa de Leyde[n] carregada de eletricidade**, que não se pode tocar sem sentir uma viva comoção. Depois, **ele é luminoso! De todas as suas extremidades escapam, por momentos, eflúvios brilhantes** que o fazem assemelhar-se a um vaga-lume.

“À medida que o bebê se desenvolve e se fortalece, esses curiosos fenômenos se revelam com mais energia e mais intensidade. Da mesma maneira se reproduzem de novo. Conta-se, por exemplo, que, **em certos dias, quando se aproxima das mãos ou dos pés da criança algum objeto de pequeno volume, tal como uma colher, uma faca, uma taça, mesmo um prato, estes utensílios são tomados de um estremecimento e de uma vibração súbitos, que nada pode explicar.**” ⁽¹¹⁴⁾

No comentário de Allan Kardec, lemos:

Nenhum espírita, seguramente, verá nesse fato algo de sobrenatural nem de

maravilhoso. **É um fenômeno puramente físico**, uma variante, pela forma, **daquele que apresentam as pessoas ditas elétricas. Sabe-se que certos animais, como a raia-elétrica e o gimnoto, têm propriedades análogas.** ⁽¹¹⁵⁾

Para entendermos o que seja a garrafa de Leyden, mencionada na transcrição, vejamos esta imagem ⁽¹¹⁶⁾:



É dentro do contexto sobre as manifestações físicas que foi afirmado sobre as pessoas *“que produzem de forma natural, descargas elétricas”* ⁽¹¹⁷⁾ não serem médiuns, porque *“elas tiram de si mesmas o fluido necessário à produção do fenômeno”* ⁽¹¹⁸⁾. Levando-se em conta esse fato narrado, poder-se-ia considerar, no máximo, tratar-se

de uma faculdade anímica.

Recorremos ao **Dicionário Online de Português**, para esclarecer a respeito do gimnoto: *“Peixe das águas doces da América do Sul, semelhante a uma enguia, capaz de paralisar suas presas pela emissão de violenta descarga elétrica. (Atinge 2,5 m de comprimento.)”* ⁽¹¹⁹⁾.

Retomando o fio da meada. Ademais, como vimos em seu discurso aos espíritas de Bordeaux, Allan Kardec afirmou *“não sou médium, **no sentido vulgar da palavra**”* ⁽¹²⁰⁾, demonstrando haver, pelo menos, **mais um outro sentido** para a faculdade mediúnica, exatamente o sentido amplo. Ou seja, conclui-se que ele está dizendo não ter a mediunidade no sentido restrito.

Em **A Gênese**, capítulo “XIV – Os fluidos”, tópico “II. Explicação de alguns fenômenos considerados sobrenaturais”, item 22, Allan Kardec explica:

O perispírito é o traço de união entre a vida corpórea e a vida espiritual; **É por seu intermédio que o Espírito encarnado se**

acha em relação contínua com os desencarnados; é, em suma, com o auxílio dele que se operam no homem fenômenos especiais, cuja causa fundamental não se encontra na matéria tangível e que, por essa razão, parecem sobrenaturais. ⁽¹²¹⁾

Sendo o perispírito o agente pelo qual se estabelece a relação entre desencarnados e encarnados, julgamos que, caso o indivíduo possua determinada predisposição orgânica, essa condição poderá favorecer a expansão do perispírito, tornando-a mais fácil. Dessa forma, ele se torna o que denominamos de médium ostensivo, achando-se, assim, “*em relação contínua*” com os Espíritos.

Isso fica ainda mais claro no artigo “Estudo sobre os possessos de Morzine – Causas da obsessão e meios de combatê-la”, publicado na **Revista Espírita 1863**, mês de janeiro, do qual destacamos o seguinte trecho:

Como vimos, **o perispírito** representa importante papel em todos os fenômenos da vida; é a fonte de uma porção de afecções, cuja causa é em vão buscada pelo escalpelo na alteração dos órgãos, e contra as quais é

impotente a terapêutica. Por sua expansão explicam-se, ainda, as reações de indivíduo a indivíduo, as atrações e as repulsões instintivas, a ação magnética, etc. No Espírito livre, isto é, desencarnado, substitui o corpo material; é o agente sensitivo, o órgão por meio do qual ele age. **Pela natureza fluídica e expansiva do perispírito, o Espírito alcança o indivíduo sobre o qual quer atuar, rodeia-o, envolve-o, penetra-o e o magnetiza.** Vivendo em meio ao mundo invisível, **o homem está incessantemente submetido a essas influências, assim como à da atmosfera que respira,** traduzindo-se aquelas por efeitos morais e fisiológicos dos quais não se dá conta e que, muitas vezes, atribui a causas inteiramente contrárias. [...]. ⁽¹²²⁾

Portanto, o médium no sentido comum, ou seja, o possuidor de mediunidade ostensiva é aquele cujo perispírito, por ser mais expansivo, lhe permite um contato mais efetivo com os do mundo invisível.

Mediunidade e a tal da predisposição orgânica

No capítulo “II – O maravilhoso e o sobrenatural”, de **O Livro dos Médiuns**, mais especificamente no 2º e último parágrafo do item 7, lemos:

O pensamento é um dos atributos do Espírito. A possibilidade, que eles têm, de atuar sobre a matéria, de nos impressionar os sentidos e, por conseguinte, **de nos transmitir seus pensamentos, resulta**, se assim nos podemos exprimir, **da sua própria constituição fisiológica**. Logo, nada há de sobrenatural neste fato, nem de maravilhoso. [...]. ⁽¹²³⁾

Embora esse trecho trate especificamente da possibilidade de atuação dos Espíritos sobre a matéria, ele nos remete à questão da constituição fisiológica relacionada aos fenômenos mediúnicos, que Allan Kardec aborda de maneira mais direta em outras passagens.

A respeito da faculdade mediúnica o Codificador afirmou:

a) Em **O Livro dos Médiuns**, capítulo “XVII – Formação dos médiuns”, item 209 e capítulo “XX – Influência moral do médium”, item 226, respectivamente:

[...] Têm-se visto pessoas inteiramente incrédulas ficarem espantadas de escreverem à sua revelia, ao passo que crentes sinceros não o conseguiam, o que prova que esta faculdade depende de uma **predisposição orgânica**. ⁽¹²⁴⁾

[...] A faculdade propriamente dita **reside no organismo**; independente do moral. O mesmo, porém, não se dá com o seu uso, que pode ser bom ou mau, de acordo com as qualidades do médium.” ⁽¹²⁵⁾

b) Em **O Evangelho Segundo o Espiritismo**, capítulo “XXIV – Não ponhais a candeia debaixo do alqueire”, item 12:

Digamos, antes de tudo, que **a mediunidade é inerente a uma disposição orgânica**, de que todo homem

pode ser dotado, como da de ver, de ouvir, de falar. Ora, não há nenhuma faculdade de que o homem, por efeito do seu livre-arbítrio, não possa abusar, [...]. ⁽¹²⁶⁾

c) Em **Revista Espírita 1864**, mês de fevereiro, artigo “A lenda do homem eterno”:

A mediunidade é uma faculdade **inerente ao organismo**, mais ou menos desenvolvida, conforme os indivíduos, que pode ser dada ao mais indigno, como ao mais digno, arriscando-se o primeiro a ser punido se não a aproveita ou dela abusa. [...]. ⁽¹²⁷⁾

Entendemos que, nesses argumentos, o Codificador está tratando da faculdade mediúnica de maneira geral; isso não significa, necessariamente, que esteja empregando o termo no sentido restrito.

d) De **Obras Póstumas**, capítulo “Manifestações dos Espíritos”, tópico “Manifestações visuais”, item 20, destacamos o seguinte trecho:

O fenômeno da aparição a uma só pessoa, entre muitas que se encontrem

reunidas, explica-se por ser necessária, para que ele se produza, uma combinação do fluido perispiritual do Espírito com o da pessoa. E, para que isso se dê, é preciso que haja entre esses fluidos uma espécie de afinidade que permita a combinação. **Se o Espírito não encontra a necessária aptidão orgânica, o fenômeno da aparição não pode reproduzir-se;** se existe a aptidão, o Espírito tem a liberdade de aproveitá-la ou não. Daí resulta que, se duas pessoas igualmente dotadas quanto a essa aptidão se encontram juntas, pode o Espírito operar a combinação fluídica apenas com aquela das duas a quem ele queira mostrar-se. Se não a operar com a outra, esta não o verá. É como se se tratasse de dois indivíduos cujos olhos estivessem vendados: se um terceiro quiser mostrar-se a um dos dois apenas, somente dos olhos desse retirará a venda. A um, porém, que fosse cego, nada adiantaria a retirada da venda: ele, por isso, não adquiriria a faculdade de ver. ⁽¹²⁸⁾

Não temos dúvida de que o tipo de mediunidade aqui mencionado é o da vidência que, embora seja uma faculdade bem específica, também tem relação com a *“necessidade de aptidão orgânica”* do médium receptor, razão pela qual nem

todos os médiuns são videntes.

O que concluímos, é que, s.m.j. a tal de predisposição orgânica tem a ver com o perispírito, que é o elemento fundamental ou o “fio condutor” na comunicação entre os habitantes dos dois planos da vida. Naqueles em que a mediunidade reside no sentido restrito, essa disposição orgânica permite uma expansão particular do perispírito, tornando o indivíduo um médium, no sentido restrito, para não haver dúvida.

Assim, aqueles que não apresentam essa predisposição orgânica em grau suficiente para a manifestação ostensiva não são considerados médiuns no sentido restrito, embora possuam a mediunidade em sentido amplo.

Em **O Livro dos Médiuns**, vamos buscar no capítulo “XXII – Mediunidade nos animais”, informações para o entendimento do nosso tema. No seguinte trecho do item 236, o Espírito Erasto, a quem o Codificador tinha em elevada conta, a certa altura, explica:

“Há um princípio que todos os espíritas admitem: o de que **os semelhantes atuam com seus semelhantes e como seus semelhantes**. Ora, quais são os semelhantes dos Espíritos, senão os Espíritos, encarnados ou não? Será preciso que repitamos isto incessantemente? Pois bem! vou repetir mais uma vez: **o vosso perispírito e o nosso procedem do mesmo meio**, são de natureza idêntica, são semelhantes, em suma. **Possuem uma propriedade de assimilação mais ou menos desenvolvida**, de magnetização mais ou menos vigorosa, **que permite que nos ponhamos, Espíritos desencarnados e encarnados, muito pronta e facilmente em comunicação uns com os outros**. Enfim, o que é peculiar aos médiuns, o que é da própria essência da individualidade deles, é uma afinidade especial e, ao mesmo tempo, **uma força de expansão particular, que lhes suprimem toda refratariedade e estabelecem, entre eles e nós, uma espécie de corrente**, uma espécie de fusão, que facilita as nossas comunicações. **Aliás, é essa refratariedade da matéria que se opõe ao desenvolvimento da mediunidade, na maior parte dos que não são médiuns.** ⁽¹²⁹⁾

A explicação de Erasto reforça nossa hipótese,

pois relaciona a condição peculiar dos médiuns a uma “*afinidade especial*” e a uma “*força de expansão particular*”, que facilitam a comunicação com os Espíritos.

Esse ponto é particularmente significativo para nossa discussão: até mesmo a manifestação mediúnica pode ocorrer com o concurso “consciente ou inconsciente” do médium. Portanto, não se deve transformar a percepção consciente da influência espiritual em requisito absoluto para a condição de médium.

Quanto à mediunidade dos animais, ao final de suas explicações, Erasto disse:

“Resumindo: os fatos mediúnicos não podem manifestar-se sem o concurso consciente ou inconsciente dos médiuns, e é **somente entre os encarnados, Espíritos como nós, que podemos encontrar os que nos possam servir de médiuns.** [...]” ⁽¹³⁰⁾

E ainda que tenhamos algumas restrições ao livro ***Obras Póstumas***, porquanto não foi publicado

por Allan Kardec, vamos trazer do capítulo “Manifestações dos Espíritos”, tópico “Dos médiuns”, estes dois parágrafos:

34. O fluido perispirítico é o agente de todos os fenômenos espíritos, que só se podem produzir pela ação recíproca dos fluidos que emitem o médium e o Espírito. O desenvolvimento da faculdade mediúnica **depende da natureza mais ou menos expansiva do perispirito do médium** e da maior ou menor facilidade da sua assimilação pelo dos Espíritos; **depende, portanto, do organismo e pode ser desenvolvida quando exista o princípio;** não pode, porém, ser adquirida quando o princípio não exista. A predisposição mediúnica independe do sexo, da idade e do temperamento. Há médiuns em todas as categorias de indivíduos, desde a mais tenra idade, até a mais avançada.

35. As relações entre os Espíritos e os médiuns se estabelecem por meio dos respectivos perispiritos, dependendo a facilidade dessas relações do grau de afinidade existente entre os dois fluidos. Alguns há que se combinam facilmente, enquanto outros se repelem, **donde se segue que não basta ser médium para que uma pessoa se comunique**

indistintamente com todos os Espíritos.

Há médiuns que só com certos Espíritos podem comunicar-se ou com Espíritos de certas categorias, e outros que não o podem a não ser pela transmissão do pensamento, sem qualquer manifestação exterior. ⁽¹³¹⁾

Curioso é o fato de que nem mesmo os médiuns ostensivos conseguem estabelecer relações com todos os Espíritos, por conta da afinidade entre seus fluidos e os do manifestante.

Da obra ***Bastidores da Mediunidade*** (2004), ditada pelo Espírito Nova, pelo médium Emanuel Cristiano, destacamos o seguinte trecho:

Aproveitando os minutos, uma voz preocupada lembrou:

- *Que acontecerá se, no planeta, envolvidos com os problemas e deveres do mundo, recusarmos a tarefa mediúnica?*

- *O Pai, disse o benfeitor, respeita o nosso livre-arbítrio. Desta forma, o médium poderá recusar o trabalho no campo mediúnico, mas não se livrará da sensibilidade mediúnica.*

Deixando de adquirir confiança em Deus e sem o conhecimento dos mecanismos da

*mediunidade, que são adquiridos com o estudo do Espiritismo, poderá ser vítima fácil dos Espíritos desequilibrados, sofredores e até perversos, **uma vez que é a sua própria constituição física que permite a expansão perispiritual, ocasionando uma sensibilidade natural.***

O médium consciente aceita a tarefa com amor e dedicação.

Aquele que recusar o trabalho mediúnico perderá a oportunidade de progresso e terá natural dificuldade de desbravar a selva das próprias imperfeições, sem usar o mecanismo concedido por Deus. ⁽¹³²⁾ (itálico do original)

Então, segundo a fonte citada, a predisposição orgânica tem relação direta com a expansividade perispiritual, base da faculdade mediúnica ostensiva.

Vejamos o que a Dra. Marlene Rossi Severino Nobre (1937-2015) explica no capítulo “3. Que há de diferente no médium ostensivo?” do livro ***O Dom da Mediunidade*** (2007):

Você deve estar se perguntando: “Se todos nós somos médiuns, por que eu não a percebo em mim, enquanto ela aparece, claramente, em outras pessoas?” Existe algo

no médium ostensivo que o torna diferente dos demais? O que é que ele possui que permite mais expressiva comunicação dos Espíritos?

Vamos raciocinar, colhendo informações dos instrutores espirituais ⁽¹³³⁾, afirma Lammenais: **“O perispírito é o agente por meio do qual nos comunicamos convosco**, quer indiretamente, pelo vosso corpo ou pelo vosso perispírito, quer diretamente, pela vossa alma; donde, infinitas modalidades de médiuns e de comunicações”.

E dizem mais ⁽¹³⁴⁾:

O perispírito, envoltório fluídico, semimaterial, que serve de ligação entre a alma e o corpo, existe, pois, durante a vida corpórea; é o intermediário de todas as sensações que o espírito recebe e pelo qual transmite a sua vontade ao exterior e atua sobre os órgãos do corpo. Para nos servirmos de uma comparação material, diremos que **é o fio condutor, que serve para a recepção e a transmissão do pensamento**.

As respostas esclarecem a razão pela qual todos os seres humanos são médiuns: todos nós possuímos perispírito ou corpo espiritual, que é o verdadeiro veículo de manifestação do espírito.

Coletemos ainda mais amplas

informações à reflexão: Lammenais ⁽¹³⁵⁾ afirma que “esse envoltório fluídico é responsável pela perfectibilidade dos sentidos, a extensão da vista e das ideias”. E Kardec ⁽¹³⁶⁾ enfatiza que a natureza desse envoltório “se eteriza, à medida que ele se depura e eleva na hierarquia espiritual”.

Por outro lado, há um outro fator importante a considerar: o corpo físico. Gabriel Delanne ⁽¹³⁷⁾ reconhece que “a mediunidade não é uma faculdade sobrenatural, um dom miraculoso, **ela depende simplesmente de uma propriedade fisiológica do sistema nervoso**, não tem nenhuma relação necessariamente com a moralidade ou o grau de inteligência do médium”. E cita Kardec que, em *O Livro dos Médiuns*, afirma: “... **a faculdade propriamente dita depende do organismo**, independe do moral”.

Realmente, os instrutores afirmam várias vezes que a mediunidade “depende da organização” e “pode desenvolver-se pelo exercício”. Temos, portanto, duas revelações importantes que nos auxiliarão a raciocinar: 1) o perispírito condensa em si mesmo, em sua organização, a perfectibilidade dos sentidos, a extensão da vista e das ideias; por isso, à medida que evolui, vai se tornando mais depurado e sensível; 2) a mediunidade depende do organismo físico. **Devemos, pois, procurar nesses dois**

fatores o algo a mais dos chamados médiuns ostensivos.

[...].

[...] o algo a mais dos médiuns ostensivos está na íntima relação entre o perispírito e o organismo físico. Embora a sua ascendência sobre todo o corpo físico, esse envoltório sutil está mais diretamente ligado a determinadas estruturas orgânicas que lhe favorecem as mais elevadas funções. No caso da mediunidade é a glândula pineal. ⁽¹³⁸⁾

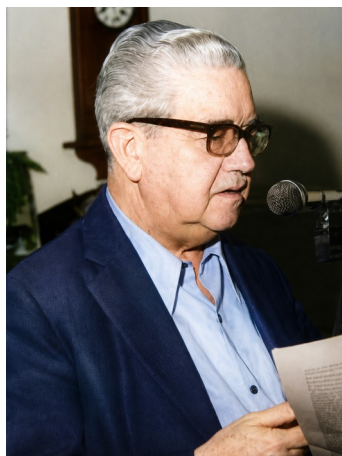
E um pouco mais à frente, no capítulo “5. Epífase”, o sentido novo dos seres humanos, lemos:

Para responder à pergunta sobre **esse algo a mais que eles possuem** precisamos juntar ainda, à argumentação [...], uma das hipóteses de trabalho da Teoria do **dr. Sergio Felipe de Oliveira** sobre as funções da pineal. **O pesquisador afirma que os médiuns ostensivos possuem mais cristais de apatita na epífase ou glândula pineal**, o que favoreceria a captação de onda eletromagnética – forma pela qual se propagam os átomos mentais que compõem os pensamentos. ⁽¹³⁹⁾

Acreditamos que a autora conseguiu esclarecer ainda mais a questão e, além de explicar elementos que havíamos mencionado, foi além ao informar que o Dr. Sergio Felipe, em sua hipótese, relaciona a mediunidade ostensiva ao fato de os médiuns *“possuírem mais cristais de apatita na epífise ou glândula pineal”*. Diante disso, perguntamos: será que os cristais de apatita não poderiam estar relacionados justamente àquela “predisposição orgânica” que favoreceria o indivíduo a se tornar um médium ostensivo?

As explicações de Herculano Pires sobre o tema

Reconhecemos o valioso legado do jornalista José Herculano Pires em relação à Doutrina Espírita, acreditamos ter sido ele um dos mais notáveis defensores do Espiritismo, cujo lema era “*Kardec em primeiro lugar*”. Julgamos que a importância do seu pensamento está no fato de, sem a menor dúvida, ele ter sido um profundo conhecedor das obras da Codificação, ninguém o igualava nisso.



Tomemos da obra ***O Centro Espírita***, na qual Herculano Pires esclarece:

O conceito de mediunidade que vigora entre nós, na maioria

esmagadora dos Centros, é espantosamente ambivalente e portanto contraditória. Afirma-se ao mesmo tempo que a mediunidade é uma graça e uma provação, que os médiuns são espíritos grandemente faltosos, não obstante adorados como enviados de Deus. Os que estudam seriamente a Doutrina logo percebem a falsidade desse conceito. **A mediunidade é uma faculdade natural da espécie humana, como todas as demais faculdades. Toda criatura humana é naturalmente dotada de mediunidade. Kardec observou a existência da mediunidade generalizada.** Mas a mediunidade manifesta-se nas criaturas em diferentes graus de desenvolvimento. **Todos somos médiuns, todos possuímos o que hoje se chama de percepção extrassensorial, segundo a terminologia parapsicológica.** [...]. ⁽¹⁴⁰⁾

Da obra ***Conversa Sobre Mediunidade: Curas, Obsessões e Sonhos / J. Herculano Pires***, organizada pelo escritor Wilson Garcia, vamos destacar trechos de respostas do nobre jornalista a ouvintes a respeito da mediunidade:

a) Mediunidade geral

A mediunidade não é um dom de Deus, no sentido considerado pelas religiões, porque se fosse assim, seria um privilégio concedido a este ou a aquele. **Na verdade, a mediunidade é uma faculdade humana natural, nós todos a possuímos.**

Mas a missão mediúnica, esta sim, é um dom de Deus. Porque é uma concessão feita pelos planos espirituais superiores à criatura que necessita refazer seu passado na Terra, praticando o bem e ajudando os outros através da mediunidade. ⁽¹⁴¹⁾

b) Mediunidade estacionada:

[...] me parece que o senhor não está ainda em condições realmente de desenvolver mediunidade, e **talvez nem possua mediunato, ou seja, mediunidade de missão**. O senhor talvez **tenha apenas essa mediunidade genérica que nós todos temos** – de perceber espírito, de sentir a presença de espíritos, de receber intuições – mas **não a mediunidade de serviço**. ⁽¹⁴²⁾

c) Mediunidade e privilégio

Segundo temos sempre repetido neste programa, **a mediunidade é uma faculdade humana natural. Nós todos somos naturalmente médiuns. Portanto, a mediunidade não é um**

privilégio, não é uma graça concedida somente a esta ou àquela criatura. Podemos mesmo dizer que a mediunidade é uma conquista do próprio homem. ⁽¹⁴³⁾

d) Mediunidade e inteligência:

Porque todos possuímos mediunidade. Se a mediunidade é uma faculdade humana natural, todos somos médiuns. Acontece que nossa mediunidade no espiritismo **é o que se chama de mediunidade generalizada, mediunidade geral que todo mundo possui.** Mas aquilo que **chamamos comumente de médium é a pessoa que se dedica à mediunidade, que presta serviços no campo da mediunidade.** Essa pessoa está cumprindo uma missão mediúnica. **É aquilo que os espíritos, em O livro dos médiuns, chamaram de mediunato.**

A pessoa investida de mediunato é aquela que tem uma missão mediúnica. Portanto, **essa é a que tem maior desenvolvimento de sua mediunidade para realização do serviço** que tem de cumprir aqui na Terra, que tem de prestar aos homens. [...]. ⁽¹⁴⁴⁾ (itálico do original negrito nosso)

e) Consequências da mediunidade:

[...] O médium está no exercício de uma

faculdade humana natural. **Todos nós temos mediunidade.** Não é preciso ser médium específico para trabalhos mediúnicos para sermos médiuns. **Todos nós temos pressentimentos, todos nós temos percepções extrassensoriais, todos nós estamos sujeitos a obsessão e perturbação de espíritos inferiores,** a tal ponto que **grande número das pessoas** perturbadas, obsedadas que comparecem às sessões espíritas devem ser tratadas, mas **não desenvolverão mediunidade, porque não são médiuns - não possuem mediunato, que é missão mediúnica.** ⁽¹⁴⁵⁾

f) Diagnose da mediunidade

A mediunidade só pode ser diagnosticada quando conhecemos os sintomas que a pessoa revela. **Como já dissemos insistentemente, a mediunidade é uma faculdade humana natural. Nós todos possuímos mediunidade,** mas a variação de graus com que ela se manifesta é muito grande. **De maneira que só os médiuns, aqueles que estão a serviço da mediunidade, que possuem grande e elevado grau mediúnico, é que realmente são chamados de médiuns pela maioria das pessoas.** Ora, sendo assim, devemos compreender que a mediunidade se revela por meio de suas manifestações. ⁽¹⁴⁶⁾

g) Confirmação mediúnica

[...] **Nós todos temos mediunidade. Como se pensa muitas vezes, mediunidade não é um privilégio desta ou daquela pessoa. É uma faculdade humana normal, natural. Todos nós temos mediunidade, uns em maior grau, outros em menor grau, uns com uma determinada forma, outros com outra forma, e assim por diante.** Nesse caso é o que se chama, em espiritismo, a mediunidade generalizada, mediunidade comum, mas que se acentua em certas pessoas, principalmente quando há um problema assim de contato, de afinidade espiritual, como há entre o senhor e sua mulher, produzindo então esses efeitos. [...].
(¹⁴⁷)

h) Mediunidade e dívida cármica

[...] na verdade, a mediunidade não é provação, nem prêmio. **A mediunidade é simplesmente uma faculdade humana, natural. Nós todos somos médiuns.** No que consiste a mediunidade? A mediunidade consiste em uma faculdade que certas pessoas têm de se relacionarem com os espíritos e servirem para que esses espíritos deem comunicações e possam falar com as pessoas encarnadas na Terra. **Como todas as faculdades humanas, essa é mais acentuada em alguns indivíduos e**

menos acentuadas em outros. Chamamos de médiuns as pessoas que têm essa faculdade bastante aguçada e que por isso mesmo estão sujeitas à influência evidente dos espíritos, e ao envolvimento para transmissão de comunicações. Chamamos de médiuns especificamente essas pessoas que possuem a mediunidade em alto grau, a sensibilidade mediúnica bem desenvolvida – assim chamamos de as pessoas que tem o senso estético bem desenvolvido. ⁽¹⁴⁸⁾

Desculpe-nos, caro leitor, se nos alongamos um pouco com as falas de Herculano Pires, mas julgamos ter sido necessário porquanto elas se completam umas às outras.

Aqui, novamente, percebe-se que Herculano Pires emprega “médium” em uma acepção mais específica, relacionada ao mediunato ou à missão mediúnica, sem negar a existência da “*mediunidade genérica que nós todos temos*”, mencionada por ele próprio.

Pelo que entendemos da explicação de Herculano Pires, não possuir o “*mediunato*” significa

não ter uma missão mediúnica assumida que favoreça o desenvolvimento da mediunidade. Assim, quando afirma que essas pessoas “*não desenvolverão mediunidade, porque não são médiuns*”, entendemos que ele está se referindo à mediunidade em sentido restrito, ou seja, à faculdade mediúnica propriamente dita, que dependeria desse compromisso ou missão mediúnica.

Assim, na terminologia de Herculano Pires, a “*mediunidade generalizada*” corresponde à faculdade humana comum a todos, enquanto o uso corrente de “*médium*” costuma designar aquele em que essa faculdade se manifesta em grau mais elevado e que se dedica ao trabalho mediúnico.

Conclusão

“Nós todos somos naturalmente médiuns. Portanto, a mediunidade não é um privilégio, não é uma graça concedida somente a esta ou àquela criatura.” (HERCULANO PIRES)

No decorrer de nossas várias pesquisas e diante de tudo quando aqui expusemos, fortaleceu-se nossa convicção de que, no sentido amplo, todos nós somos médiuns, embora nem todos apresentemos a mediunidade de forma ostensiva, condição relacionada à predisposição orgânica que favorece maior expansividade do perispírito.

Se, porventura, alguém ainda nos perguntar: “Todos nós somos médiuns?”, responderemos: no sentido amplo, sim; no sentido restrito, não.

Referências bibliográficas

- CRISTIANO, E. ***Bastidores da Mediunidade***. Campinas (SP): Editora Allan Kardec, 2004.
- DELANNE, G. ***O Espiritismo Perante a Ciência***. Rio de Janeiro: FEB, 1993.
- DENIS, L. ***Depois da Morte***. Rio de Janeiro: CELD, 2000.
- GARCIA, W. (org) ***Conversa Sobre Mediunidade: Curas, Obsessões e Sonhos / J. Herculano Pires***. São Paulo: Editora Paideia, 2021.
- KARDEC, A. ***A Gênese***. Brasília: FEB, 2013.
- KARDEC, A. ***Iniciação Espírita***. São Paulo: Edicel, 1986.
- KARDEC, A. ***Instrução Prática Sobre as Manifestações Espíritas***. (PDF) Brasília: FEB, 2012.
- KARDEC, A. ***O Evangelho Segundo o Espiritismo***. Brasília: FEB, 2013.
- KARDEC, A. ***O Livro dos Espíritos***. Brasília: FEB, 2013.
- KARDEC, A. ***O Livro dos Médiuns***. Brasília: FEB, 2013.
- KARDEC, A. ***O Livro dos Médiuns***. São Paulo: Lake, 2006.
- KARDEC, A. ***O Que é o Espiritismo***. Rio de Janeiro: FEB, 2001.
- KARDEC, A. ***Obras Póstumas***. Rio de Janeiro: FEB, 2006.

- KARDEC, A. **Revista Espírita 1858** (PDF), Brasília: FEB, 2008.
- KARDEC, A. **Revista Espírita 1859** (PDF), Brasília: FEB, 2008.
- KARDEC, A. **Revista Espírita 1860** (PDF), Brasília: FEB, 2009.
- KARDEC, A. **Revista Espírita 1861** (PDF), Brasília: FEB, 2008.
- KARDEC, A. **Revista Espírita 1863** (PDF), Brasília: FEB, 2008.
- KARDEC, A. **Revista Espírita 1864** (PDF), Brasília: FEB, 2008.
- KARDEC, A. **Revista Espírita 1865** (PDF), Brasília: FEB, 2008.
- KARDEC, A. **Revista Espírita 1866** (PDF), Brasília: FEB, 2008.
- KARDEC, A. **Revista Espírita 1867** (PDF), Brasília: FEB, 2008.
- KARDEC, A. **Revista Espírita 1868** (PDF), Brasília: FEB, 2008.
- KARDEC, A. **Revista Espírita 1869** (PDF), Brasília: FEB, 2009.
- KARDEC, A. **Revista Espírita 1869**. Araras (SP), IDE, 2001.
- KARDEC, A. **Viagem Espírita em 1862**. (PDF). Brasília: FEB, 2009.
- MIRANDA, H. C. **Diversidade dos Carismas: Teoria e Prática da Mediunidade - Vol. 1**. Niterói (RJ): Arte e Cultura, 1991.

NOBRE, M. **O Dom da Mediunidade**. São Paulo: FE Editora Jornalística, 2011.

PIRES, J. H. **Mediunidade (Vida e Comunicação)**. São Paulo: EDICEL, 1987.

PIRES, J. H. **O Centro Espírita**. (PDF) São Paulo: Paideia, 2000.

SCHUTEL, C. **Médiuns e Mediunidade**. Matão (SP): O Clarim, 1984.

XAVIER, F. C. **Nos Domínios da Mediunidade**. Rio de Janeiro: FEB, 1987.

Internet:

CAPA:

https://1.bp.blogspot.com/-tqFFIHirUVk/WDN4LU_IWxl/AAAAAAAAApE/CUz28ioR4ZocK5dnlla3nHITrlj4SoiMQCLcB/s320/energia%2B6.jpg. Acesso em: 07 jan. 2022.

CASA EDITORA O CLARIM. *Cairbar Schutel (foto)*, disponível em: <https://www.oclarim.oruc.com.br/arquivos/bi/0e1fb3e4d7ce1297b5039201d81ad51b.jpg>. Acesso em: 09 abr. 2022.

CORREIOS.NEWS, *A música dos Beatles inspirada em um sonho*, disponível em: <https://correio.news/curiosidades/a-musica-dos-beatles-inspirada-em-um-sonho>. Acesso em: 28 jan. 2022.

DICIONÁRIO DE FILOSOFIA, *Faculdade*, disponível em: <https://sites.google.com/view/sbgdicionariodefilosofia/faculdade>. Acesso em: 07 jan. 2022.

DICIONÁRIO MICHAELIS, *Faculdade*, disponível em:
<https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/faculdade/>. Acesso em: 07 jan. 2022.

DICIONÁRIO ONLINE DE PORTUGUÊS, *Gimnoto*, disponível em: <https://www.dicio.com.br/gimnoto/>. Acesso em: 12 dez. 2021.

DICIONÁRIO PRIBERAM. *Raro*, disponível em:
<https://dicionario.priberam.org/raro>. Acesso em: 01 dez. 2021.

ESPIRITIRINHAS, *Intuição*, disponível em:
https://blogger.googleusercontent.com/img/a/AVvXsEg4-bMz3XIf7F1SfMzCuf5r2NwmilemBM-qU3cQSB5HmqRHyYwJlYlMRedZ-wX_Vhjh7faG643PKhD77tMSee5mTzYRx6zF_VRnmN6CtpBq4p-0KSt3e3ryz33eFo5NVkQ_3syNdyeYvAdr1b2UNLsUG4Aju_mSoahXH_CD6wRaPbcejx9WAV59DAGI-g=s1504. Acesso em: 13 dez. 2021.

GARRAFA DE LEYDEN, *Imagem*, disponível em:
<https://slideplayer.com.br/slide/1353133/8/images/21/Garrafa+de+Leyden+As+garrafas+de+Leyden+se+popularizaram+rapidamente+e+se+tornaram+um+instrumento+importante+nas+pesquisas+sobre+eletricidade..jpg>. Acesso em: 14 jan. 2022.

JUNQUEIRA, L. F. B. *The power within: Mass media, scientific entertainment, and the introduction of psychical research into China, 1900-1920* in: NATIONAL LIBRARY OF MEDICINE, disponível em:
<https://pmc.ncbi.nlm.nih.gov/articles/PMC7614841/>
Acesso em: 25 ago. 2026.

LUZ DO ESPIRITISMO, *influência dos Espíritos*, disponível em:
<http://luzdoespiritismo.com/wp-content/uploads/2013/09/11.jpg>. Acesso em: 14 jan. 2022.

- MENSAGEM ESPÍRITA. *Foto de Herculano Pires*, disponível em:
https://imagens.mensagemespirita.com.br/images/uploads/livros_file_foto/ar-300x300-1812421_gr.jpg. Acesso em: 11 dez. 2021.
- MEU DICIONÁRIO, *Atuar*, disponível em:
<https://www.meudicionario.org/atuar>. Acesso em: 24 jul. 2024.
- PONTE DA PAZ. *Almir Sater acredita ser psicografada, uma das mais belas canções brasileiras (Tocando em Frente)*, disponível em:
<http://pontedepaz.com/noticias-do-bem/almir-sater-diz-que-uma-das-mais-belas-cancoes-brasileiras-tocando-em-frente-foi-psicografada/>. Acesso em: 22 jan. 2022.
- SILVA NETO SOBRINHO, P. *Allan Kardec, sua mediunidade e fenômenos que protagonizou*, disponível em:
<https://paulosnetos.net/article/allan-kardec-sua-mediunidade-e-fenomenos-que-protagonizou-ebook>. Acesso em: 24 jul. 2024.
- SILVA NETO SOBRINHO, P. *Todos nós somos médiuns?*, disponível em: <https://paulosnetos.net/article/todos-nos-somos-mediuns-ebook>. Acesso em: 24 jul. 2024.
- URUAÇU – FM. *“Cuidado”*: música foi escrita por Deus, diz Eduardo Costa, disponível em:
<https://www.uruacufm.com.br/fm/cuidado-musica-foi-escrita-por-deus-diz-eduardo-costa/>. Acesso em 22 jan. 2022.
- VELHO, G. *Todo mundo é médium?*, disponível em:
<https://www.youtube.com/watch?v=dRRbtQk6bes>. Acessos em: 04 nov. 2021.

Dados biográficos do autor



Paulo da Silva Neto Sobrinho é natural de Guanhães, MG. Formado em Ciências Contábeis e Administração de Empresas pela Universidade Católica (PUC-MG). Aposentou-se como Fiscal de Tributos pela Secretaria de Estado da Fazenda de Minas Gerais. Ingressou no movimento Espírita em Julho/87.

Participa do **GAE** - Grupo de Apologética Espírita (<https://apologiaespirita.com.br/>), desde o ano de 2004, quando de sua fundação.

Escreveu vários artigos e ebooks que estão publicados em seu site **Paulo Neto** (<https://paulosnetos.net>) e em outros sites Espíritas na Web, entre eles, **EVOC** (https://www.oconsolador.com.br/editora/ordem_autor.htm).

Livros publicados por Editoras:

a) impressos: 1) *A Bíblia à Moda da Casa*; 2) *Alma dos Animais: Estágio Anterior da Alma Humana?*; 3) *Espiritismo, Princípios, Práticas e Provas*; 4) *Os Espíritos Comunicam-se na Igreja Católica*; 5) *As Colônias Espirituais e a Codificação*; 6) *Kardec & Chico: 2 Missionários. Vol. I*; 7) *Espiritismo e Aborto*; 8) *Chico Xavier: Uma Alma Feminina* e 9) *Perispírito: Provas Científicas de Ser Molde do Corpo Físico*.

b) digitais: 1) *Kardec & Chico: 2 Missionários. Vol. II*, 2) *Kardec & Chico: 2 Missionários. Vol. III*; 3) *Racismo em*

Kardec?; 4) *Espírito de Verdade, Quem Seria Ele?*; 5) *A Reencarnação Tá na Bíblia*; 6) *Manifestações de Espírito de Pessoa Viva (Em Que Condições Elas Acontecem)*; 7) *Homossexualidade, Kardec Já Falava Sobre Isso*; 8) *Os Nomes dos Títulos dos Evangelhos Designam os Seus Autores?*; 9) *Apocalipse: Autoria, Advento e a Identificação da Besta*; 10) *Chico Xavier e Francisco de Assis Seriam o Mesmo Espírito?*; 11) *A Mulher na Bíblia*; 12) *Todos Nós Somos Médiuns?*; 13) *Os Seres do Invisível e as Provas Ainda Recusadas Pelos Cientistas*; 14) *O Perispírito e as Polêmicas a Seu Respeito*; 15) *Allan Kardec e a lógica da reencarnação*; 16) *O Fim dos Tempos Está Próximo?*; 17) *Obsessão, Processo de Cura de Casos Graves*; 18) *Umbral, Há Base Doutrinária Para Sustentá-lo?*; 19) *A Aura e os Chakras no Espiritismo*; 20) *Os Quatro Evangelhos, Obra Publicada por Roustaing, Seria a Revelação da Revelação?*; 21) *Espiritismo: Religião Sem Dúvida*; 22) *Allan Kardec e Suas Reencarnações*; 23) *Médiuns São Somente os Que Sentem a Influência dos Espíritos?*; 24) *EQM: Prova da Sobrevivência da Alma*; 25) *A Perturbação Durante a Vida Intrauterina*; 26) *Os Animais: Percepções, Manifestações e Evolução*; 27) *Reencarnação e as Pesquisas Científicas*; 28) *Reuniões de Desobsessão (Momento de Acolher Espíritos em Desarmonia)*; 29) *Haveria Fetos Sem Espírito?*; 30) *Trindade: O Mistério Imposto Por Um Leigo e Anuído Pelos Teólogos*; 31) *Herculano Pires Diante da Revista Espírita*; 32) *Allan Kardec: Sua Mediunidade e os Fenômenos Que Protagonizou*; 33) *A Pesquisa de Ernesto Bozzano Confirma e Complementa a Codificação Espírita* e 34) *Se Não Consta na Codificação, Não Existe*.

Belo Horizonte, MG.

e-mail: paulosnetos@gmail.com

- 1 XAVIER, *Nos Domínios da Mediunidade*, p. 51.
- 2 PIRES, *O Centro Espírita*, p. 29.
- 3 MIRANDA, *Diversidade dos Carismas: Teoria e Prática da Mediunidade – vol. 1*, p. 21.
- 4 DICIONÁRIO MICHAELIS, *Faculdade*, disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/faculdade/>
- 5 DICIONÁRIO DE FILOSOFIA, *Faculdade*, disponível em: <https://sites.google.com/view/sbgdicionariodefilosofia/faculdade>
- 6 KARDEC, *Instrução Prática Sobre a Manifestação dos Espíritos*, p. 26.
- 7 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, p. 416.
- 8 KARDEC, *Instrução Prática Sobre as Manifestações Espíritas*, p. 27.
- 9 KARDEC, *O Que é o Espiritismo*, p. 171.
- 10 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, FEB, p. 181.
- 11 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, FEB, p. 194.
- 12 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, FEB, p. 195.
- 13 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, FEB, p. 195.
- 14 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, FEB, p. 195.
- 15 KARDEC, *O Livro dos Espíritos*, p. 25.
- 16 KARDEC, *O Livro dos Espíritos*, p. 83-84.
- 17 KARDEC, *Revista Espírita 1858*, p. 6-7.
- 18 KARDEC, *Revista Espírita 1858*, FEB, p. 15-16.
- 19 KARDEC, *Revista Espírita 1858*, p. 266-267.
- 20 KARDEC, *Revista Espírita 1858*, p. 274-275.
- 21 KARDEC, *Revista Espírita 1859*, FEB, p. 51.
- 22 KARDEC, *Revista Espírita 1859*, p. 140.

- 23 KARDEC, *Revista Espírita* 1859, p. 342-343.
- 24 KARDEC, *Revista Espírita* 1859, FEB, p. 427-429.
- 25 KARDEC, *Revista Espírita* 1859, p. 333.
- 26 KARDEC, *O Livro dos Espíritos*, p. 230.
- 27 KARDEC, *O Livro dos Espíritos*, p. 230-232.
- 28 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, FEB, p. 9.
- 29 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, FEB, p. 9.
- 30 KARDEC, *Instrução Prática Sobre as Manifestações Espíritas*, p. 27
- 31 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, p. 263-264.
- 32 KARDEC, *O Livro dos Espíritos*, p. 238-248 e KARDEC, *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, p. 339.
- 33 KARDEC, *O Livro dos Espíritos*, Livro Segundo, cap. IX, q. 524.
- 34 KARDEC, *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, p. 339-340.
- 35 LUZ DO ESPIRITISMO, *influência dos Espíritos*, disponível em: <http://luzdoespiritismo.com/wp-content/uploads/2013/09/11.jpg>
- 36 SCHUTEL, *Médiuns e Mediunidade*, p. 34-35.
- 37 Ver também KARDEC, *Obras Póstumas*, cap. Manifestações dos Espíritos, tópico “Dos médiuns”, item 33, p. 62-63.
- 38 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, Lake, p. 139.
- 39 KARDEC, *O Livro dos Espíritos*, Introdução, item VI, p. 25.
- 40 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, cap. XV, item 179, p. 184.
- 41 DICIONÁRIO PRIBERAM. *Raro*, disponível em: <https://dicionario.priberam.org/raro>
- 42 PIRES, *Mediunidade (Vida e Comunicação)*, p. 18.

- 43 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, cap. XVI, item 191, p. 196.
- 44 KARDEC, *Revista Espírita 1858*, p. 121. No original consta “possam”, ajustamos para “podem” para que o teor da frase ficasse inteligível.
- 45 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, p. 319.
- 46 KARDEC, *Revista Espírita 1860*, p. 72.
- 47 KARDEC, *Revista Espírita 1865*, p. 401-402.
- 48 KARDEC, *A Gênese*, p. 245.
- 49 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, p. 329.
- 50 SILVA NETO SOBRINHO, *Allan Kardec, sua mediunidade e fenômenos que protagonizou*, disponível em: <https://paulosnetos.net/article/allan-kardec-sua-mediunidade-e-fenomenos-que-protagonizou-ebook>.
- 51 SILVA NETO SOBRINHO, *Todos nós somos médiuns?*, link: <https://paulosnetos.net/article/todos-nos-somos-mediuns-ebook>
- 52 KARDEC, *Revista Espírita 1861*, p. 340.
- 53 KARDEC, *Revista Espírita 1867* p. 274.
- 54 Kardec e os Espíritos que o assistiam: <http://1.bp.blogspot.com/-mgkkDaCUBJs/TZPDQJ-x1fl/AAAAAAAJo/bxj2o1Vzhrw/s1600/Figura%252520projeto%252520imagem%25252018.jpg>.
- 55 KARDEC, *Revista Espírita 1859*, p. 119-120.
- 56 KARDEC, *Revista Espírita 1862*, p. 115.
- 57 KARDEC, *Revista Espírita 1862*, p. 117.
- 58 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, FEB, p. 243-244.
- 59 KARDEC, *O Livro dos Espíritos*, FEB, q. 495, São Luís e Santo Agostinho, p. 240-241.
- 60 KARDEC, *Instruções Práticas Sobre as Manifestações Espíritas*, in *Iniciação Espírita*, p. 251.

- 61 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, Lake, p. 139.
- 62 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, Lake, p. 154-155.
- 63 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, Lake, por Channing, p. 331-332.
- 64 KARDEC, *Revista Espírita 1863*, FEB, p. 15.
- 65 KARDEC, *Revista Espírita 1865*, FEB, por Georges, p. 212.
- 66 KARDEC, *Revista Espírita 1866*, FEB, p. 125.
- 67 KARDEC, *Revista Espírita 1867*, FEB, p. 243.
- 68 KARDEC, *Revista Espírita 1868*, FEB, p. 45.
- 69 KARDEC, *Revista Espírita 1869*, FEB, por Halévy, p. 136.
- 70 DENIS, *Depois da Morte*, p. 256.
- 71 DELANNE, *O Espiritismo Perante a Ciência*, FEB, p. 339.
- 72 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, p. 57, ver também *Revista Espírita 1861*, p. 189.
- 73 KARDEC, *O Livro dos Espíritos*, p. 266.
- 74 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, p. 155-156.
- 75 KARDEC, *Revista Espírita 1861*, p. 152.
- 76 URUAÇU – FM (SITE), “*Cuidado*”: *música foi escrita por Deus, diz Eduardo Costa*, disponível em: <https://www.uruacufm.com.br/fm/cuidado-musica-foi-escrita-por-deus-diz-eduardo-costa/>
- 77 PONTE DA PAZ (SITE). *Almir Sater acredita ser psicografada, uma das mais belas canções brasileiras (Tocando em Frente)*, disponível em: <http://pontedepaz.com/noticias-do-bem/almir-sater-diz-que-uma-das-mais-belas-cancoes-brasileiras-tocando-em-frente-foi-psicografada/>

- 78 ESPITIRINHAS (SITE), *Intuição*, disponível em:
https://blogger.googleusercontent.com/img/a/AVvXsEg4-bMz3Xlf7F1SfMzCuf5r2NwmilemBM-qU3cQSB5HmqRHyYwJlYlMRedZ-wX_Vhj7faG643PKhD77tMSee5mTzYRx6zF_VRnmN6CtpBq4p-0KSt3e3ryz33eFo5NVkQ_3syNdyeYvAdr1b2UNLsUG4AJu_mSoahXH_CD6wRaPbcejx9WAV59DAGI-g=s1504
- 79 KARDEC, *Revista Espírita 1865*, p. 117.
- 80 KARDEC, *O Livro dos Espíritos*, p. 207-210.
- 81 KARDEC, *O Livro dos Espíritos*, p. 233.
- 82 KARDEC, *O Livro dos Espíritos*, p. 266.
- 83 KARDEC, *Revista Espírita 1859*, p. 67-68.
- 84 KARDEC, *A Gênese*, p. 265.
- 85 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, Lake, p. 145.
- 86 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, Lake, p. 92-93.
- 87 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, Lake, p. 94.
- 88 KARDEC, *Revista Espírita 1865*, p. 283.
- 89 CORREIOS.NEWS, *A música dos Beatles inspirada em um sonho*, disponível em:
<https://correio.news/curiosidades/a-musica-dos-beatles-inspirada-em-um-sonho>
- 90 KARDEC, **Revista Espírita 1864**, p. 124
- 91 Artigo que Allan Kardec inseriu em *A Gênese*, capítulo “I – Caráter da revelação espírita”, item 9. (KARDEC, *A Gênese*, p. 19).
- 92 KARDEC, *Revista Espírita 1866*, FEB, p. 143.
- 93 KARDEC, *Revista Espírita 1868*, FEB, p. 69.
- 94 Sociedade de Pesquisas Psíquicas (Society for Psychical Research - SPR)

- 95 JUNQUEIRA, *The power within: Mass media, scientific entertainment, and the introduction of psychical research into China, 1900-1920* in: NATIONAL LIBRARY OF MEDICINE, disponível em: <https://pmc.ncbi.nlm.nih.gov/articles/PMC7614841/>
- 96 KARDEC, *Instruções Práticas Sobre as Manifestações Espíritas*, p. 42-43.
- 97 KARDEC, *Revista Espírita* 1858, FEB, p. 33;
- 98 KARDEC, *Revista Espírita* 1866, FEB, p. 124-125.
- 99 KARDEC, *Revista Espírita* 1866, FEB, p. 125.
- 100 KARDEC, *Revista Espírita* 1866, FEB, p. 127-128.
- 101 KARDEC, *Revista Espírita* 1861, FEB, p. 165-166.
- 102 KARDEC, *Revista Espírita* 1867, FEB, p. 127-128.
- 103 KARDEC, *Revista Espírita* 1867, FEB, p. 465.
- 104 KARDEC, *Revista Espírita* 1859, FEB, p. 51.
- 105 KARDEC, *O Livro dos Espíritos*, p. 230.
- 106 KARDEC, *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, p. 339-340.
- 107 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, FEB, p. 243-244.
- 108 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, Lake, p. 154-155.
- 109 KARDEC, *Revista Espírita* 1866, FEB, p. 125.
- 110 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, FEB, p. 68.
- 111 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, Lake, p. 255.
- 112 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, Lake, p. 65.
- 113 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, Lake, p. 142-143.
- 114 KARDEC, *Revista Espírita* 1869, IDE, p. 112.
- 115 KARDEC, *Revista Espírita* 1869, IDE, p. 113.

- 116 GARRAFA DE LEYDEN, *Imagem*, disponível em: <https://slideplayer.com.br/slide/1353133/8/images/21/Garrafa+de+Leyden+As+garrafas+de+Leyden+se+popularizaram+rapidamente+e+se+tornaram+um+instrumento+importante+nas+pesquisas+sobre+eletricidade..jpg>
- 117 NOBRE, *O Dom da Mediunidade*, p. 96.
- 118 NOBRE, *O Dom da Mediunidade*, p. 96.
- 119 DICIONÁRIO ONLINE DE PORTUGUÊS, *Gimnoto*, disponível em: <https://www.dicio.com.br/gimnoto/>
- 120 KARDEC, *Viagem Espírita em 1862*, p. 65.
- 121 KARDEC, *A Gênese*, p. 246.
- 122 KARDEC, *Revista Espírita 1863*, FEB, p. 13-14.
- 123 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, FEB, p. 21.
- 124 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, FEB, p. 210.
- 125 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, FEB, p. 237.
- 126 KARDEC, *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, p. 296.
- 127 KARDEC, *Revista Espírita 1864*, p. 91.
- 128 KARDEC, *Obras Póstumas*, p. 54-55.
- 129 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, FEB, p. 253.
- 130 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, FEB, p. 256-257.
- 131 KARDEC, *Obras Póstumas*, p. 63.
- 132 CRISTIANO, *Bastidores da Mediunidade*, p. 6-7.
- 133 Nota da Transcrição (N.T.): OLM, cap. IV, p. 67.
- 134 N.T.: OLM, 2ª Parte, cap. I.
- 135 N.T.: OLM, Cap. IV, p. 67.
- 136 N.T.: OLM, Cap. IV.
- 137 N.T.: *Recherches sur la Médiumnité*, Cap.1.
- 138 NOBRE, *O Dom da Mediunidade*, p. 25-26.
- 139 NOBRE, *O Dom da Mediunidade*, p. 41.

- 140 PIRES, *O Centro Espírita*, p. 29.
- 141 PIRES, *Conversando Sobre Mediunidade: Curas, Obsessão e Sonhos*, p. 39.
- 142 PIRES, *Conversando Sobre Mediunidade: Curas, Obsessão e Sonhos*, p. 54-55.
- 143 PIRES, *Conversando Sobre Mediunidade: Curas, Obsessão e Sonhos*, p. 77.
- 144 PIRES, *Conversando Sobre Mediunidade: Curas, Obsessão e Sonhos*, p. 98-99.
- 145 PIRES, *Conversando Sobre Mediunidade: Curas, Obsessão e Sonhos*, p. 99-100.
- 146 PIRES, *Conversando Sobre Mediunidade: Curas, Obsessão e Sonhos*, p. 107.
- 147 PIRES, *Conversando Sobre Mediunidade: Curas, Obsessão e Sonhos*, p. 139.
- 148 PIRES, *Conversando Sobre Mediunidade: Curas, Obsessão e Sonhos*, p. 213-214.